



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

CARLOS ALBERTO DA CRUZ FARIA MARTINS

E vós, quem dizeis que Eu sou
- Títulos cristológicos no capítulo 15 do Evangelho de Marcos

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor João Manuel Duque

Braga
2014

“Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus:

*Ele, que é de condição divina,
não considerou como uma usurpação ser igual a Deus;*

no entanto, esvaziou-se a si mesmo,

tomando a condição de servo.

*Tornando-se semelhante aos homens
e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem,*

rebaixou-se a si mesmo,

tornando-se obediente até à morte

e morte de cruz.

Por isso mesmo é que Deus o elevou acima de tudo

e lhe concedeu o nome

que está acima de todo o nome,

para que, ao nome de Jesus,

se dobrem todos os joelhos,

os dos seres que estão no céu,

na terra e debaixo da terra;

e toda a língua proclame:

‘Jesus Cristo é o Senhor!’,

para glória de Deus Pai.”

(Fl 2,5-11)

Introdução

"E vós, quem dizeis que Eu sou", no capítulo 15 do Evangelho de Marcos, foi o título que escolhi para a presente dissertação, tendo em conta o meu gosto pessoal em trabalhar o texto da Paixão de Jesus. Esta pergunta, no capítulo 8 do mesmo Evangelho, tinha provocado a confissão messiânica de Pedro; achei, por isso, interessante recolocar a questão no estudo dos textos da Paixão de Jesus, verificando, neste estudo, como é que a narração evangélica respondia à mesma questão. Escolhi o texto do Evangelho de São Marcos, cujo estudo tinha iniciado nas unidades curriculares de Evangelhos Sinópticos e Seminário Temático. Para a minha escolha contribuiu também o facto de se tratar do evangelho mais pequeno, contando com uma extensão de dezasseis capítulos apenas, e a questão de que os restantes evangelhos sinópticos, Mateus e Lucas, poderão ter ido ali inspirar-se para a elaboração dos seus respetivos evangelhos.

Tendo decidido centrar este trabalho na paixão de São Marcos, optei por iniciar com uma leitura atenta e levantamento de possíveis tópicos de análise. Daqui surgiu a ideia de trabalhar os títulos cristológicos que surgem na paixão do Evangelho de São Marcos, a saber: Jesus "Rei dos Judeus/ Servo de Javé" (Mc 15,2); Jesus "Messias" (Mc 15,32) e Jesus "Filho de Deus" (Mc 15,39). Este último é especialmente digno de nota, pois é afirmado por um soldado romano, ou seja, por um pagão.

O primeiro capítulo da presente dissertação é dedicado ao texto bíblico. Assim sendo, o capítulo inicia com a apresentação de uma tabela sinóptica onde se apresenta o mesmo excerto - da narração da paixão de Jesus - tal como pode ler-se nos quatro evangelhos (Marcos, Mateus, Lucas e João). A referida tabela divide-se em sete partes: Jesus levado a Pilatos; Diálogo entre Pilatos e Jesus; Jesus e Barrabás; Coroação de espinhos; A caminho do Calvário; Jesus crucificado e escarnecido; Morte de Jesus. No final de cada divisão, incluímos uma pequena reflexão sobre os quatro textos, versando as diferenças e paralelos dignos de nota, além palavras e conceitos importantes e das várias formas de tratar Jesus.

Após o trabalho sinóptico, apresenta-se a análise do texto grego do evangelho de Marcos, capítulo 15. Neste âmbito, apresentam-se os casos em que se encontram as palavras a salientar, bem como a forma como o evangelho é escrito em grego e algumas variantes no uso de algumas palavras. Depois deste trabalho de análise textual, o capítulo conclui com a tradução do texto grego para português, atendendo aos casos salientados e indicações referidas.

O segundo capítulo é dedicado aos títulos cristológicos, em geral e particular, e focará os três títulos cristológicos presentes no texto trabalhado no primeiro capítulo.

Procede-se, primeiramente, a uma definição geral de títulos cristológicos. De seguida, passa-se a uma definição mais técnica, ou específica, em contexto teológico. Estas breves tentativas de definição e designação ajudam a compreender melhor o significado da expressão "títulos cristológicos". Estas definições são depois concretizadas mediante o elenco das várias formas de apelidar Jesus e da referência desta caminhada feita pela comunidade primitiva, esta última essencial para compreender as afirmações cristológicas inerentes aos títulos que designavam a Jesus.

Outra área deste segundo capítulo é constituída pelo desenvolvimento fundamentado dos três títulos cristológicos presentes no texto trabalhado no capítulo anterior, a saber: Jesus "Messias"; Jesus "Rei dos Judeus/ Servo de Javé" e Jesus "Filho de Deus".

Para desenvolver cada um destes títulos baseei-me em G. Minette Tillesse, Felicísimo Martínez Díez, José Luís Martín Descalzo, Rudolf Schnackenburg, Fritzleo Lentzen-Deis e Raymond Brown. Recorri a estes teólogos para apresentar da forma mais clara os referidos títulos e compreender a sua densidade teológica e, nomeadamente, cristológica.

1. Textos bíblicos

Neste primeiro capítulo, destinado a um levantamento estritamente a partir do texto bíblico, serão trabalhados os títulos cristológicos dos evangelhos da Paixão, embora nos detenhamos especificamente no capítulo 15 do texto de São Marcos.

Após essa abordagem mais geral, focar-me-ei unicamente no texto de São Marcos, o qual será trabalhado a partir do original em grego. Algumas considerações serão tecidas acerca dos termos de maior relevo no texto. De seguida, será apresentado o texto em português com uma tradução própria, tendo em conta as considerações apresentadas no texto em grego que serão apresentadas nas notas de rodapé.

1.1 Tabela Sinóptica

Para melhor organização do estudo dos textos, apresenta-se uma tabela as passagens dos quatro evangelistas, tendo em conta os três sinópticos e o evangelho de São João. Esta tabela encontra-se dividida pelos subcapítulos constantes nas bíblias actuais publicadas em Portugal. O texto bíblico utilizado provém da edição bíblica da Difusora Bíblica - Franciscanos Capuchinhos.

1.1.1 Jesus levado a Pilatos

Marcos (Mc 15,1-41)	Mateus (Mt 27,1-56)	Lucas (Lc 23,1-49)	João (Jo 18,28-19,30)
¹ Logo de manhã, os sumos sacerdotes reuniram-se em conselho com os anciãos e os doutores da Lei e todo o Sinédrio; e, tendo manietado Jesus, levaram-no e entregaram-no a Pilatos.	¹ De manhã cedo, todos os sumos sacerdotes e anciãos do povo se reuniram em conselho contra Jesus, para o matarem. E, manietando-o, levaram-no ao governador Pilatos.	¹ Levantando-se todos, levaram-no a Pilatos e ² começaram a acusá-lo, nestes termos: «Encontrámos este homem a sublevar o povo, a impedir que se pagasse tributo a César e a dizer-se Ele próprio o Messias-Rei.»	²⁸ De Caifás, levaram Jesus à sede do governador romano. Era de manhã cedo e eles não entraram no edifício para não se contaminarem e poderem celebrar a Páscoa.

Nestes excertos, destacamos a questão temporal. Com efeito, três dos evangelistas – a saber: Marcos, Mateus e João – situam temporalmente a acção na parte da manhã (cf. Mc 15,1; Mt 27,1; Jo 18,28). Outra referência que é feita pelos evangelistas tem a ver com as pessoas que apresentam/levam Jesus à presença de Pilatos (cf. Mc 15,1; Mt 27,1; Lc 23,1; Jo 18,28), nomeadamente os sumos sacerdotes, os anciãos do povo, os doutores da Lei e o Sinédrio. Verificamos ainda que Jesus é tratado como um preso político (cf. Mc 15,1; Lc 23,2), o que é evidenciado em Marcos, nomeadamente na indicação do Sinédrio, e em Lucas, que diz que Jesus impedira o povo de pagar tributo a César. Em Marcos e Mateus, Jesus é apresentado como um marginal: manietaram-no, como a uma pessoa perigosa.

1.1.2 Diálogo entre Pilatos e Jesus

<p>²Perguntou-lhe Pilatos: «És Tu o rei dos Judeus?» Jesus respondeu-lhe: «Tu o dizes.» ³Os sumos sacerdotes acusavam-no de muitas coisas. ⁴Pilatos interrogou-o de novo, dizendo: «Não respondes nada? Vê de quantas coisas és acusado!» ⁵Mas Jesus nada mais respondeu, de modo que Pilatos estava estupefacto.</p>	<p>¹¹Jesus foi conduzido à presença do governador, que lhe perguntou: «Tu és o Rei dos Judeus?» Jesus respondeu: «Tu o dizes.» ¹²Mas, ao ser acusado pelos sumos sacerdotes e anciãos, nada respondeu. ¹³Pilatos disse-lhe, então: «Não ouves tudo o que dizem contra ti?» ¹⁴Mas Ele não respondeu coisa alguma, de modo que o governador estava muito admirado.</p>	<p>³Pilatos interrogou-o: «Tu és o rei dos judeus?» Jesus respondeu: «Tu o dizes.» ⁴Pilatos disse, então, aos sumos sacerdotes e à multidão: «Nada encontro de culpável neste homem.» ⁵Mas eles insistiram, dizendo: «Ele amotina o povo, ensinando por toda a Judeia, desde a Galileia até aqui.»</p>	<p>²⁹Pilatos veio ter com eles cá fora e perguntou-lhes: «Que acusações apresentais contra este homem?» ³⁰Responderam-lhe: «Se Ele não fosse um malfeitor, não to entregaríamos.» ³¹Retorquiu-lhes Pilatos: «Tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa Lei.» «Não nos é permitido dar a morte a ninguém», disseram-lhe os judeus, ³²em cumprimento do que Jesus tinha dito, quando explicou de que espécie de morte havia de morrer. ³³Pilatos entrou de novo no edifício da sede, chamou Jesus</p>
--	---	---	---

			<p>e perguntou-lhe: «Tu és rei dos judeus?» ³⁴Respondeu-lhe Jesus: «Tu perguntas isso por ti mesmo, ou porque outros to disseram de mim?» ³⁵Pilatos replicou: «Serei eu, porventura, judeu? A tua gente e os sumos sacerdotes é que te entregaram a mim! Que fizeste?» ³⁶Jesus respondeu: «A minha realeza não é deste mundo; se a minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que Eu não fosse entregue às autoridades judaicas; portanto, o meu reino não é de cá.» ³⁷Disse-lhe Pilatos: «Logo, Tu és rei!» Respondeu-lhe Jesus: «É como dizes: Eu sou rei! Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz.» ³⁸Pilatos replicou-lhe: «Que é a verdade?» Dito isto, foi ter de novo com os judeus e disse-lhes: «Não vejo nele nenhum crime.</p>
--	--	--	---

Dos diálogos entre Pilatos e Jesus, narrados pelos quatro evangelistas, inferimos que João é o evangelista que relata este diálogo com maior acutilância e pormenor. Em primeiro lugar, devemos destacar a pergunta feita por Pilatos a Jesus: «Tu és o rei dos judeus?» (cf. Mc 15,2; Mt 27,11; Lc 23,3; Jo 18,33). É através desta pergunta que Pilatos afirma a realeza de Jesus. Em segundo lugar, a resposta dada por Jesus a Pilatos: «Tu o dizes.» (cf. Mc 15,2; Mt 27,11; Lc 23,3; Jo 18, 34). Note-se que esta resposta tem uma pequena derivação em João, onde pode ler-se, alternativamente, «Tu perguntas isso por ti mesmo, ou porque outros to disseram de mim?» (cf. Jo 18,34). Em terceiro lugar, refira-se a afirmação de Pilatos nos evangelhos de Lucas e João: «Nada encontro de culpável neste homem.» (cf. Lc 23,4) ou «Não vejo nele nenhum crime.» (cf. Jo 18,38). Deve salientar-se, finalmente, o silêncio de Jesus face às questões de Pilatos e às injúrias dos sumos sacerdotes. (cf. Mc 15,5; Mt 27,14).

1.1.3 Jesus e Barrabás

<p>⁶Ora, em cada festa, Pilatos costumava soltar-lhes um preso que eles pedissem. ⁷Havia um, chamado Barrabás, preso com os insurrectos que tinham cometido um assassínio durante a revolta. ⁸A multidão chegou e começou a pedir-lhe o que ele costumava conceder. ⁹Pilatos, respondendo, disse: «Quereis que vos solte o rei dos judeus?» ¹⁰Porque sabia que era por inveja que os sumos</p>	<p>¹⁵Ora, por ocasião da festa, o governador costumava conceder a liberdade a um prisioneiro, à escolha do povo. ¹⁶Nessa altura havia um preso afamado, chamado Barrabás. ¹⁷Pilatos perguntou ao povo, que se encontrava reunido: «Qual quereis que vos solte: Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?» ¹⁸Ele sabia que o tinham entregue por inveja. ¹⁹Enquanto estava sentado no tribunal, a mulher mandou-</p>	<p>¹³Pilatos convocou os sumos sacerdotes, os chefes e o povo, ¹⁴e disse-lhes: «Trouxestes este homem à minha presença como se andasse a revoltar o povo. Interroguei-o diante de vós e não encontrei nele nenhum dos crimes de que o acusais. ¹⁵Herodes tão-pouco, visto que no-lo mandou de novo. Como vedes, Ele nada praticou que mereça a morte. ¹⁶Vou, portanto, libertá-lo, depois de o castigar.»</p>	<p>³⁹Mas é costume eu libertar-vos um preso na Páscoa. Quereis que vos solte o rei dos judeus?» ⁴⁰Eles puseram-se de novo a gritar, dizendo: «Esse não, mas sim Barrabás!» Ora Barrabás era um salteador. ¹Então, Pilatos mandou levar Jesus e flagelá-lo.</p>
---	---	---	---

<p>sacerdotes o tinham entregado. ¹¹Os sumos sacerdotes, porém, instigaram a multidão a pedir que lhes soltasse, de preferência, Barrabás.</p> <p>¹²Tomando novamente a palavra, Pilatos disse-lhes: «Então que quereis que faça daquele a quem chamais rei dos judeus?» ¹³Eles gritaram novamente: «Crucifica-o!»</p> <p>¹⁴Pilatos insistiu: «Que fez Ele de mal?» Mas eles gritaram ainda mais: «Crucifica-o!»</p> <p>¹⁵Pilatos, desejando agradar à multidão, soltou-lhes Barrabás; e, depois de mandar flagelar Jesus, entregou-o para ser crucificado.</p>	<p>lhe dizer: «Não te intrometas no caso desse justo, porque hoje muito sofri em sonhos por causa dele.» ²⁰Mas os sumos sacerdotes e os anciãos persuadiram a multidão a pedir Barrabás e exigir a morte de Jesus.</p> <p>²¹Tomando a palavra, o governador inquiriu: «Qual dos dois quereis que vos solte?» Eles responderam: «Barrabás!»</p> <p>²²Pilatos disse-lhes: «Que hei-de fazer, então, de Jesus chamado Cristo?» Todos responderam: «Seja crucificado!»</p> <p>²³Pilatos insistiu: «Que mal fez Ele?» Mas eles cada vez gritavam mais: «Seja crucificado!»</p> <p>²⁴Pilatos, vendo que nada conseguia e que o tumulto aumentava cada vez mais, mandou vir água e lavou as mãos na presença da multidão, dizendo: «Estou inocente deste sangue. Isso é convosco.» ²⁵E todo o povo respondeu: «Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos</p>	<p>¹⁷Ora, em cada festa, Pilatos era obrigado a soltar-lhes um preso. ¹⁸E todos se puseram a gritar: «A esse mata-o e solta-nos Barrabás!» ¹⁹Este último fora metido na prisão por causa de uma insurreição desencadeada na cidade, e por homicídio.</p> <p>²⁰De novo, Pilatos dirigiu-lhes a palavra, querendo libertar Jesus.</p> <p>²¹Mas eles gritavam: «Crucifica-o! Crucifica-o!»</p> <p>²²Pilatos disse-lhes pela terceira vez: «Que mal fez Ele, então? Nada encontrei nele que mereça a morte. Por isso, vou libertá-lo, depois de o castigar.» ²³Mas eles insistiam em altos brados, pedindo que fosse crucificado, e os seus clamores aumentavam de violência.</p> <p>²⁴Então, Pilatos decidiu que se fizesse o que eles pediam. ²⁵Libertou o que fora preso por sedição e homicídio, que eles reclamavam, e entregou-lhes Jesus para o que eles</p>	
--	---	--	--

	filhos!» ²⁶ Então, soltou-lhes Barrabás. Quanto a Jesus, depois de o mandar flagelar, entregou-o para ser crucificado.	queriam.	
--	---	----------	--

Deparamo-nos nesta passagem com a menção a uma festa (cf. Mc 15,6; Mt 27,15; Lc 23,17), explicitada por João, pela boca de Pilatos, que diz: «É costume libertar-vos um preso na Páscoa.» (cf. Jo 18, 39). Podemos observar também que Pilatos tentou, por várias vezes e de vários modos, soltar Jesus, que é apresentado nos evangelhos como «rei dos judeus» (cf. Mc 15,9.12; Jo 18,39). Neste âmbito, note-se, ainda, a intervenção da mulher de Pilatos no evangelho de Mateus, a qual não queria que Pilatos se intrometesse na causa do justo (cf. Mt 27,19). Neste excerto, a multidão é claramente incitada pelos sumos sacerdotes a pedir a crucifixão de Jesus, pois aqueles sabiam que só assim conseguiriam aniquilar Jesus, em virtude de Pilatos não encontrar n'Ele nada de criminoso (cf. Lc 23,14). Consequentemente, Pilatos acaba por ceder ao pedido da multidão, soltando Barrabás, mandando flagelar Jesus (cf. Mc 15,15; Mt 27,26; Jo 19,1) e entregando-o aos sumos sacerdotes para o crucificarem, dizendo: «Estou inocente deste sangue. Isso é lá convosco.» (cf. Mt 27,24).

1.1.4 Coroação de Espinhos

¹⁶ Os soldados levaram-no para dentro do pátio, isto é, para o pretório, e convocaram toda a corte. ¹⁷ Revestiram-no de um manto de púrpura e puseram-lhe uma coroa de espinhos, que tinham entretecido. ¹⁸ Depois, começaram a	²⁷ Os soldados do governador conduziram Jesus para o pretório e reuniram toda a corte à volta dele. ²⁸ Despiram-no e envolveram-no com um manto escarlate. ²⁹ Tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e uma cana		² Depois, os soldados entrelaçaram uma coroa de espinhos, cravaram-lha na cabeça e cobriram-no com um manto de púrpura; ³ e, aproximando-se dele, diziam-lhe: «Salve! Ó Rei dos judeus!» E davam-lhe bofetadas.
--	---	--	---

<p>saudá-lo: «Salve! Ó rei dos judeus!» ¹⁹Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam sobre Ele e, dobrando os joelhos, prostravam-se diante dele. ²⁰Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e revestiram-no das suas vestes.</p>	<p>na mão direita. Dobrando o joelho diante dele, escarneciam-no, dizendo: «Salve! Rei dos Judeus!» ³⁰E, cuspendo-lhe no rosto, agarravam na cana e batiam-lhe na cabeça. ³¹Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto, vestiram-lhe as suas roupas e levaram-no para ser crucificado.</p>		<p>⁴Pilatos saiu de novo e disse-lhes: «Vou trazê-lo cá fora para saberdes que eu não vejo nele nenhuma causa de condenação.» ⁵Então, saiu Jesus com a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Disse-lhes Pilatos: «Eis o Homem!»</p>
--	--	--	--

A coroação de espinhos de Jesus apenas é relatada por três dos quatro evangelistas (cf. Mc 15,16-20; Mt 27,27-31; Jo 19,2-5), uma vez que Lucas não faz qualquer referência a este episódio. Lendo o texto, deparamo-nos com várias referências que atravessam todos os textos, a saber: a afirmação por parte dos soldados de Jesus como o rei dos judeus (cf. Mc 15,18; Mt 27,29; Jo 19,3); a indicação de uma coroa de espinhos (cf. Mc 15,17; Mt 27,29; Jo 19,2) e a alusão a um manto de púrpura (cf. Mc 15,17; Mt 27,28; Jo 19,2). Aqui observa-se também a presença dos soldados a zombarem de Jesus e a baterem-lhe, por vingança e escárnio.

1.1.5 A caminho do Calvário

<p>Levaram-no, então, para o crucificar. ²¹Para lhe levar a cruz, requisitaram um homem que passava por ali ao regressar dos campos, um tal Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo. ²²E conduziram-no ao lugar do Gólgota,</p>	<p>³²À saída, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, e obrigaram-no a levar a cruz de Jesus. ³³Quando chegaram a um lugar chamado Gólgota, isto é, «Lugar do Crânio»</p>	<p>²⁶Quando o iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus. ²⁷Seguiam Jesus uma grande multidão de povo e umas mulheres que</p>	<p>¹⁷Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota, ¹⁸onde o crucificaram, e com Ele outros dois, um de cada lado, ficando Jesus no meio.</p>
--	---	---	---

<p>que quer dizer 'lugar do Crânio'.</p>		<p>batiam no peito e se lamentavam por Ele. ²⁸Jesus voltou-se para elas e disse-lhes: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos; ²⁹pois virão dias em que se dirá: 'Felizes as estéreis, os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram.' ³⁰Hão-de, então, dizer aos montes: 'Caí sobre nós!' E às colinas: 'Cobrimos!' ³¹Porque, se tratam assim a árvore verde, o que não acontecerá à seca?» ³²E levavam também dois malfeitores, para serem executados com Ele.</p>	
--	--	---	--

Simão de Cirene, pai de Alexandre e Rufo (cf. Mc 15,21), é indicado pelos evangelhos sinópticos como o homem instado a levar a cruz de Jesus no caminho para o Calvário. Tratava-se de um camponês, em virtude da referência explícita que ele vinha do campo (cf. Mc 15,21; Lc 23,26). Sabemos ainda que, depois de ter levado a cruz de Jesus, este homem e a sua família fizeram parte da primitiva comunidade cristã, porque o evangelista Marcos refere os nomes dos filhos do Cireneu, o que indica que a comunidade de Marcos conheceu/ conviveu com os filhos de Simão de Cirene. Além disto, deve notar-se a referência ao local onde Jesus iria ser crucificado como sendo o «Lugar do Crânio» (cf. Mc 15,22; Mt 27,33; Jo 19,17). Só Lucas apresenta um diálogo entre Jesus e as mulheres que o seguiam, no qual Jesus repreende as

mulheres, dizendo: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos;» (cf. Lc 23,28). Encontramos também uma referência a dois malfeitores que iam com Jesus para serem crucificados com ele, no que João é mais explícito, referindo que Jesus iria ficar no meio deles (cf. Lc 23,32; Jo 19,18).

1.1.6 Jesus crucificado e escarnecido

<p>²³Queriam dar-lhe vinho misturado com mirra, mas Ele não quis beber. ²⁴Depois, crucificaram-no e repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte, para ver o que cabia a cada um. ²⁵Eram umas nove horas da manhã, quando o crucificaram. ²⁶Na inscrição com a condenação, lia-se: «O rei dos judeus.» ²⁷Com Ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e o outro à sua esquerda. ²⁸Deste modo, cumpriu-se a passagem da Escritura que diz: Foi contado entre os malfeitores. ²⁹Os que passavam injuriavam-no e, abanando a cabeça, diziam: «Olha o que destrói o templo e o reconstrói em três dias! ³⁰Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!»</p>	<p>³⁴deram-lhe a beber vinho misturado com fel; mas Ele, provando-o, não quis beber. ³⁵Depois de o terem crucificado, repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte. ³⁶Ficaram ali sentados a guardá-lo. ³⁷Por cima da sua cabeça, colocaram um escrito, indicando a causa da sua condenação: «Este é Jesus, o rei dos Judeus.» ³⁸Com Ele, foram crucificados dois salteadores: um à direita e outro à esquerda. ³⁹Os que passavam injuriavam-no, meneando a cabeça e ⁴⁰dizendo: «Tu, que destruías o templo e o reedificavas em três dias, salva-te a ti mesmo! Se és Filho de Deus, desce da cruz!» ⁴¹Os sumos sacerdotes com os doutores da Lei e os</p>	<p>³³Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. ³⁴Jesus dizia: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.» Depois, deitaram sortes para dividirem entre si as suas vestes. ³⁵O povo permanecia ali, a observar; e os chefes zombavam, dizendo: «Salvou os outros; salve-se a si mesmo, se é o Messias de Deus, o Eleito.» ³⁶Os soldados também troçavam dele. Aproximando-se para lhe oferecerem vinagre, ³⁷diziam: «Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!» ³⁸E por cima dele havia uma inscrição: «Este é o rei dos judeus.» ³⁹Ora, um dos malfeitores que</p>	<p>¹⁹Pilatos redigiu um letreiro e mandou pô-lo sobre a cruz. Dizia: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.» ²⁰Este letreiro foi lido por muitos judeus, porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado era perto da cidade e o letreiro estava escrito em hebraico, em latim e em grego. ²¹Então, os sumos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: «Não escrevas ‘Rei dos Judeus’, mas sim: ‘Este homem afirmou: Eu sou Rei dos Judeus.’» ²²Pilatos respondeu: «O que escrevi, escrevi.» ²³Os soldados, depois de terem crucificado Jesus, pegaram na roupa dele e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, excepto a túnica. A túnica, toda tecida de uma só peça de</p>
--	--	---	--

<p>³¹Da mesma forma, os sumos sacerdotes e os doutores da Lei troçavam dele entre si: «Salvou os outros mas não pode salvar-se a si mesmo!» ³²O Messias, o Rei de Israel! Desça agora da cruz para nós vermos e acreditarmos!» Até os que estavam crucificados com Ele o injuriavam.</p>	<p>anciãos também zombavam dele, dizendo: ⁴²«Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo! Se é o rei de Israel, desça da cruz, e acreditaremos nele. ⁴³Confiou em Deus; Ele que o livre agora, se o ama, pois disse: ‘Eu sou Filho de Deus!’» ⁴⁴Até os salteadores, que estavam com Ele crucificados, o insultavam.</p>	<p>tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: «Não és Tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também.» ⁴⁰Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o: «Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício?» ⁴¹Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas acções mereciam; mas Ele nada praticou de condenável.» ⁴²E acrescentou: «Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino.» ⁴³Ele respondeu-lhe: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso.»</p>	<p>alto a baixo, não tinha costuras. ²⁴Então, os soldados disseram uns aos outros: «Não a rasguemos; tiremo-la à sorte, para ver a quem tocará.» Assim se cumpriu a Escritura, que diz: Repartiram entre eles as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes. E foi isto o que fizeram os soldados. ²⁵Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. ²⁶Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» ²⁷Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua.</p>
--	---	---	---

Este excerto documenta, sob a perspectiva dos vários evangelistas, múltiplos pontos que devem ser focados. Primeiramente, o letreiro que Pilatos escreveu para ser colocado por cima da cabeça de Jesus, para que todos os que por ali passassem soubessem quem era Jesus. Neste letreiro estaria inscrito: «O rei dos Judeus» (cf. Mc 15,26; Mt 27,37; Lc 23,38; Jo 19,19).

Segundo João, a inscrição teria sido escrita em três línguas: hebraico, latim e grego (cf. Jo 19,20). Em segundo lugar, observamos da parte dos evangelistas diversas referências a injúrias/insultos que Jesus recebeu do povo que por ali passava, dos sumos sacerdotes e doutores da Lei, dos soldados e ainda por parte dos dois malfeitores que foram com Ele crucificados (cf. Mc 15,29.31.32; Mt 27,39.41.44; Lc 23,35.36.39). Em terceiro lugar, destaca-se a hora apresentada por Marcos: «Eram nove horas da manhã» (cf. Mc 15,25). Em quarto lugar, verificamos que apenas João relata o diálogo entre Jesus, sua Mãe e o discípulo amado. Neste diálogo sobressai o pedido feito por Jesus para o discípulo amado receber Maria em sua casa (cf. Jo 19,26-27). Em quinto lugar, avulta o diálogo entre os malfeitores e Jesus, em que Jesus promete a um deles que ainda nesse dia estaria com Ele no paraíso (cf. Lc 23,39-43). Por último, a expressão «O Messias, o Rei de Israel» (cf. Mc 15,32; Mt 27,42; Lc 23,35), apresentada pelos evangelistas na boca dos sumos sacerdotes/ doutores da Lei/ malfeitores, aparece aqui como configurando, implicitamente, o reconhecimento de Jesus como Messias.

1.1.7 Morte de Jesus

<p>³³Ao chegar o meio-dia, fez-se trevas por toda a terra, até às três da tarde. ³⁴E às três da tarde, Jesus exclamou em alta voz: «Eloí, Eloí, lemásabachtáni?», que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? ³⁵Ao ouvi-lo, alguns que estavam ali disseram: «Está a chamar por Elias!» ³⁶Um deles correu a embeber uma esponja em</p>	<p>⁴⁵Desde o meio-dia até às três horas da tarde, as trevas envolveram toda a terra. ⁴⁶Cerca das três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: Eli, Eli, lemásabachtháni?, isto é: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? ⁴⁷Alguns dos que ali se encontravam, ao ouvi-lo, disseram: «Está a chamar por Elias.» ⁴⁸Um deles correu imediatamente, pegou numa</p>	<p>⁴⁴Por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. ⁴⁵O Sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. ⁴⁶Dando um forte grito, Jesus exclamou: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.» Dito isto, expirou. ⁴⁷Ao ver o que se passava, o centurião deu glória a Deus, dizendo: «Verdadeiramente,</p>	<p>²⁸Depois disso, Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: «Tenho sede!» ²⁹Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, ensopando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hissopo, chegaram-lha à boca. ³⁰Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Tudo está consumado.» E, inclinando a</p>
---	--	--	---

<p>vinagre, pô-la numa cana e deu-lhe de beber, dizendo: «Esperemos, a ver se Elias vem tirá-lo dali.»³⁷ Mas Jesus, com um grito forte, expirou. ³⁸E o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo. ³⁹O centurião que estava em frente dele, ao vê-lo expirar daquela maneira, disse: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!» ⁴⁰Também ali estavam algumas mulheres a contemplar de longe; entre elas, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago Menor e de José, e Salomé, ⁴¹que o seguiam e serviam quando Ele estava na Galileia; e muitas outras que tinham subido com Ele a Jerusalém.</p>	<p>esponja, embebeu-a em vinagre e, fixando-a numa cana, dava-lhe de beber. ⁴⁹Mas os outros disseram: «Deixa; vejamos se Elias vem salvá-lo.» ⁵⁰E Jesus, clamando outra vez com voz forte, expirou. ⁵¹Então, o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo. A terra tremeu e as rochas fenderam-se. ⁵²Abriam-se os túmulos e muitos corpos de santos, que estavam mortos, ressuscitaram; ⁵³e, saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. ⁵⁴O centurião e os que com ele guardavam Jesus, vendo o tremor de terra e o que estava a acontecer, ficaram apavorados e disseram: «Este era verdadeiramente o Filho de Deus!» ⁵⁵Estavam ali, a observar de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia e o serviram. ⁵⁶Entre</p>	<p>este homem era justo!» ⁴⁸E toda a multidão que se tinha aglomerado para este espectáculo, vendo o que acontecera, regressava batendo no peito. ⁴⁹Todos os seus conhecidos e as mulheres que o tinham acompanhado desde a Galileia mantinham-se à distância, observando estas coisas.</p>	<p>cabeça, entregou o espírito.</p>
---	---	---	-------------------------------------

	elas, estavam Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.		
--	---	--	--

Neste excerto, encontramos claramente a intenção dos evangelistas de apresentar a hora em que Jesus expirou, a saber: as três da tarde (cf. Mc15,33; Mt27,45; Lc 23,44). Apenas João não faz qualquer referência a este respeito. De resto, a sua narração da morte de Jesus é muito sumária, como pode observar-se em: «Tudo está consumado» (cf. Jo 19,30).

Nos Sinópticos, encontramos um decalcar de cenas que indicam que Mateus e Lucas recorreram a Marcos. Assim sendo, vemos que os dois apresentam o grito de Jesus, «Eloí, Eloí, lema sabachtáni?» (cf. Mc 15,34;Mt 27,46), e a associação do povo a Elias (cf. Mc 15,36; Mt 27,47).

Outra questão presente nos sinópticos é o rasgar do véu do templo (cf. Mc 15,38; Mt 27,51; Lc 23,45), mediante o qual podemos estabelecer uma ligação com o rasgar das vestes por parte do sumos sacerdotes (cf. Mc 14,63), quando este interroga Jesus. A expressão de fé do centurião, «Verdadeiramente este homem era filho de Deus» (cf. Mc 15, 39; Mt 27,54; Lc 23,47), é o ponto culminante dos três evangelhos sinópticos. Na verdade, é pela boca de um pagão que Jesus é anunciado como verdadeiramente Filho de Deus. No fim deste excerto, os sinópticos fazem referência às mulheres que seguiram Jesus desde a Galileia.

1.2 Exegése (Análise) de Marcos 15

Em seguida, apresentarei o texto original em grego, retirado do “Novum Testamentum Graece”. Neste tocante, teve-se também por base o “Novo Testamento Interlinear”. Ao longo do texto, serão destacadas as palavras mais relevantes, referindo em nota de rodapé as questões sintáticas mais pertinentes.

Καὶ εὐθύς πρῶτῃ συμβούλιον ποιήσαντες¹ οἱ ἀρχιερεῖς² μετὰ τῶν πρεσβυτέρων καὶ γραμματέων καὶ ὅλον τὸ συνέδριον, δῆσαντες³ τὸν Ἰησοῦν ἀπήνεγκαν καὶ παρέδωκαν⁴ Πιλάτῳ. καὶ ἐπηρώτησεν αὐτὸν⁵ ὁ Πιλάτος Σὺ εἶ ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων; ὁ δὲ ἀποκριθεὶς⁶ αὐτῷ λέγει, Σὺ λέγεις. καὶ κατηγοροῦν αὐτοῦ οἱ ἀρχιερεῖς⁷ πολλά. ὁ δὲ Πιλάτος πάλιν ἐπηρώτα αὐτὸν⁸ λέγων, Οὐκ ἀποκρίνη⁹ οὐδέν; ἴδε¹⁰ πόσα σου κατηγοροῦσιν. ὁ δὲ Ἰησοῦς οὐκέτι οὐδὲν ἀπεκρίθη, ὥστε θαυμάζειν τὸν Πιλάτον.

Κατὰ δὲ ἑορτὴν ἀπέλυεν αὐτοῖς ἓνα δέσμιον ὃν παρητοῦντο. ἦν δὲ ὁ λεγόμενος Βαραββᾶς μετὰ τῶν στασιαστῶν δεδεμένος οἵτινες ἐν τῇ στάσει φόνον πεποιήκεισαν. καὶ ἀναβὰς ὁ ὄχλος ἤρξατο αἰτεῖσθαι καθὼς ἐποίει αὐτοῖς. ὁ δὲ Πιλάτος ἀπεκρίθη αὐτοῖς λέγων, Θέλετε ἀπολύσω ὑμῖν τὸν βασιλέα τῶν Ἰουδαίων; ἐγίνωσκεν¹¹ γὰρ ὅτι διὰ φθόνον παραδεδώκεισαν αὐτὸν οἱ ἀρχιερεῖς. οἱ δὲ ἀρχιερεῖς ἀνέσεισαν τὸν ὄχλον ἵνα μᾶλλον τὸν

¹ Particípio aoristo 1 grego, “tendo feito”.

² O autor do dicionário traduz por “principais sacerdotes”, a tradução adequada em Português corrente é, quanto a nós, “os Sumos Sacerdotes”.

³ Particípio aoristo 1, “tendo amarrado”, que foi traduzido por “amarrando”.

⁴ Conjunto de formas verbais ligadas entre si pela preposição “καί”, que o autor traduz por “levaram-no e entregaram”. Sendo dois Perfeitos, a tradução literal seria “acabaram de o levar e entregar”.

⁵ No dicionário, a forma verbal foi traduzida por “perguntou”, que pede complemento indirecto, pelo que uma opção mais acertada seria “interrogou” para manter a sintaxe do original com “αὐτὸν”.

⁶ O autor apresenta esta expressão como “respondendo”. Tratando-se de um Aoristo 1 passivo, deveria ter-se optado por “tendo respondido”.

⁷ Cfr. nota 2.

⁸ Cfr. nota 5.

⁹ Devemos ter em conta que esta forma verbal no Presente do Conjuntivo Médio, na 2.^a pessoal do singular, pelo que aqui a sua utilização explica-se por estarmos no plano irreal.

¹⁰ Encontra-se no modo Imperativo, na 2.^a pessoa do singular, o que implica uma ordem que sairá da boca de Pilatos.

¹¹ Traduzida por “sabia” em vez da expressão mais literal “acabou de saber”.

Βαραββᾶν ἀπολύσῃ αὐτοῖς. ὁ δὲ Πιλᾶτος πάλιν ἀποκριθεὶς ἔλεγεν αὐτοῖς, Τί οὖν [θελετε] ποιήσω [ὃν λέγετε] τὸν βασιλέα τῶν Ἰουδαίων; οἱ δὲ πάλιν ἔκραξαν, Σταύρωσον¹² αὐτόν. ὁ δὲ Πιλᾶτος ἔλεγεν αὐτοῖς, Τί γὰρ ἐποίησεν κακόν; οἱ δὲ περισσῶς ἔκραξαν, Σταύρωσον¹³ αὐτόν. ὁ δὲ Πιλᾶτος βουλόμενος τῷ ὄχλῳ τὸ ἱκανὸν ποιῆσαι ἀπέλυσεν αὐτοῖς τὸν Βαραββᾶν, καὶ παρέδωκεν¹⁴ τὸν Ἰησοῦν, φραγελλώσας ἵνα σταυρωθῆ.

Οἱ δὲ στρατιῶται ἀπήγαγον αὐτόν¹⁵ ἔσω τῆς αὐλῆς, ὃ ἐστὶν Πραιτώριον, καὶ συνκαλοῦσιν ὄλην τὴν σπεῖραν. καὶ ἐνδιδύσκουσιν¹⁶ αὐτὸν πορφύραν¹⁷ καὶ περιτιθέασιν αὐτῷ πλέξαντες ἀκάνθινον στέφανον· καὶ ἤρξαντο ἀσπάζεσθαι αὐτόν¹⁸, Χαῖρε, βασιλεῦ τῶν Ἰουδαίων¹⁹· καὶ ἔτυπτον αὐτοῦ τὴν κεφαλὴν καλάμῳ καὶ ἐνέπτυσαν αὐτῷ, καὶ τιθέντες τὰ γόνατα προσεκύνουν αὐτῷ. καὶ ὅτε ἐνέπαιξαν αὐτῷ, ἐξέδυσαν αὐτόν τὴν πορφύραν καὶ ἐνέδυσαν αὐτόν τὰ ἱμάτια αὐτοῦ. Καὶ ἐξάγουσιν αὐτόν²⁰ ἵνα σταυρώσωσιν αὐτόν²¹.

καὶ ἀγγαρεύουσιν παράγοντά τινα Σίμωνα Κυρηναῖον²² ἐρχόμενον ἀπ' ἀγροῦ, τὸν πατέρα Ἀλεξάνδρου καὶ Ρούφου, ἵνα ἄρῃ τὸν σταυρὸν αὐτοῦ. καὶ φέρουσιν αὐτόν ἐπὶ τὸν Γολγοθᾶν τόπον, ὃ ἐστὶν μεθερμηνευόμενον Κρανίου τόπος. καὶ ἐδίδουν αὐτῷ ἐσμυρνισμένον οἶνον· ὃς δὲ²³ οὐκ ἔλαβεν. καὶ σταυροῦσιν αὐτόν²⁴ καὶ διαμερίζονται τὰ ἱμάτια αὐτοῦ, βάλλοντες κλῆρον ἐπ' αὐτὰ τίς τί ἄρῃ. ἦν δὲ ὥρα τρίτη καὶ ἐσταύρωσαν

¹² Esta forma encontra-se no modo Imperativo, na 2.^a pessoa do singular. Deste modo, pretende mostrar que o povo situa-se num plano superior ao de Jesus.

¹³ Cfr. nota 12.

¹⁴ Esta forma verbal é traduzida como um Aoristo “entregou” e não como um Perfeito, “acabou de entregar”.

¹⁵ Esta forma verbal está traduzida no dicionário por “levaram a ele”, em vez de “levaram n-O”.

¹⁶ O dicionário traduz esta forma verbal por “vestem”, embora o mais correcto seria “vestem-n-O”.

¹⁷ O autor traduz “de púrpura”, em detrimento de uma tradução literal “púrpura”.

¹⁸ A tradução apresentada é “a saudar a ele”, em vez de “saúda-l'O”.

¹⁹ Esta expressão encontra-se no caso Vocativo, expressando uma saudação que expressa aclamação ou reverência e é de grande importância uma vez que visto que indica a origem do referente “βασιλεῦ”. Cfr. o nome em Grego.

²⁰ Cfr. nota 5.

²¹ Cfr. nota 5.

²² Este atributo do sujeito é traduzido como último nome. Cfr. nota 19.

²³ Normalmente, não se traduz a partícula adversativa, mas neste caso ela é necessária, atendendo a que o sentido de oposição é essencial para a compreensão do texto.

²⁴ Cfr. nota 5.

αὐτὸν²⁵. καὶ ἦν ἡ ἐπιγραφὴ τῆς αἰτίας αὐτοῦ ἐπιγεγραμμένη, Ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων. Καὶ σὺν αὐτῷ σταυροῦσιν δύο ληστὰς, ἓνα ἐκ δεξιῶν καὶ ἓνα ἐξ εὐωνύμων αὐτοῦ. Καὶ οἱ παραπορευόμενοι ἐβλασφήμουν αὐτὸν κινουῦντες²⁶ τὰς κεφαλὰς αὐτῶν καὶ λέγοντες²⁷ Οὐὰ ὁ καταλύων²⁸ τὸν ναὸν καὶ οἰκοδομῶν²⁹ ἐν τρισὶν ἡμέραις, σῶσον σεαυτὸν καταβάς ἀπὸ τοῦ σταυροῦ. ὁμοίως³⁰ καὶ οἱ ἀρχιερεῖς ἐμπαίζοντες πρὸς ἀλλήλους μετὰ τῶν γραμματέων³¹ ἔλεγον, Ἄλλους ἔσωσεν, ἑαυτὸν οὐ δύναται σῶσαι· ὁ Χριστὸς ὁ βασιλεὺς Ἰσραὴλ καταβάτω νῦν ἀπὸ τοῦ σταυροῦ, ἵνα ἴδωμεν καὶ πιστεύσωμεν. καὶ οἱ συνεσταυρωμένοι σὺν αὐτῷ ὠνειδιζον αὐτόν.

Καὶ γενομένης δε ὥρας ἕκτης σκότος ἐγένετο³² ἐφ’ ὅλην τὴν γῆν ἕως ὥρας ἐνάτης. καὶ τῇ ὥρᾳ ἐνάτῃ ἐβόησεν ὁ Ἰησοῦς φωνῇ μεγάλῃ, Ἐλωὶ Ἐλωὶ λαμὰ σαβαχθανεὶ; ὃ ἐστὶν μεθερμηνευόμενον Ὁ Θεὸς μου ὁ Θεὸς μου, εἰς τί ἐγκατέλιπές με³³; καὶ τινες τῶν παρεστηκότων ἀκούσαντες ἔλεγον, Ἴδε³⁴ Ἠλείαν φωνεῖ. δραμῶν δέ τις καὶ γεμίσας σπόγγον ὄξους περιθειὺς³⁵ καλάμῳ ἐπότιζεν αὐτόν λέγων, Ἄφετε³⁶ ἴδωμεν³⁷ εἰ ἔρχεται Ἥλας καθελεῖν αὐτόν³⁸. ὁ δὲ Ἰησοῦς ἀφείξ φωνὴν μεγάλην ἐξέπνευσεν. Καὶ τὸ καταπέτασμα

²⁵ Cfr. nota 5.

²⁶ Particípio presente, no caso Nominativo, plural, masculino pois trata-se do atributo do sujeito da expressão “λέγοντες”.

²⁷ Cfr. nota 26.

²⁸ Este Particípio Presente pode ser traduzido literalmente por “o destruidor” ou por “aquele/o que destrói”.

²⁹ Pode ser traduzido literalmente por “o construtor” ou por “aquele/o que constrói”.

³⁰ O advérbio de modo pode ser traduzido pela locução “da mesma forma”.

³¹ O complemento circunstancial de companhia aparece expresso através de “μετὰ” com genitivo, em vez de “σὺν” com dativo.

³² A forma verbal está no Aoristo 2, na 3.ª pessoa do singular, em virtude de se tratar da construção impessoal ou existencial, requerendo o nome predicativo do sujeito “σκότος”.

³³ O dicionário traduz esta expressão por “a mim”, em vez de “me”.

³⁴ Cfr. nota 12.

³⁵ O dicionário traduz esta forma verbal como “tendo posto”, mas literalmente traduziríamos o Aoristo 1 Passivo por “colocada ou posta”.

³⁶ Encontra-se no Imperativo, na 2.ª pessoa do plural, indicando uma ordem.

³⁷ A forma verbal está no Conjuntivo, com valor de imperativo.

³⁸ Este Infinitivo Aoristo 2 deve ser traduzido, numa versão literal por “tendo-O descido”.

τοῦ ναοῦ ἐσχίσθη εἰς δύο ἀπ’ ἄνωθεν ἕως κάτω. Ἴδὼν δὲ ὁ κεντυρίων ὁ παρεστηκὼς ἐξ ἐναντίας αὐτοῦ ὅτι οὕτως ἐξέπνευσεν εἶπεν, Ἀληθῶς οὗτος ὁ ἄνθρωπος υἱὸς Θεοῦ ἦν.

Ἦσαν δὲ καὶ γυναῖκες ἀπὸ μακρόθεν θεωροῦσαι³⁹, ἐν αἷς καὶ Μαρία ἡ Μαγδαληνὴ καὶ Μαρία ἡ Ἰακώβου τοῦ μικροῦ καὶ Ἰωσήτος μήτηρ καὶ Σαλώμη, αἱ ὅτε ἦν ἐν τῇ Γαλιλαίᾳ ἠκολούθουν αὐτῷ καὶ διηκόνουν αὐτῷ, καὶ ἄλλαι πολλαὶ αἱ συναναβᾶσαι αὐτῷ εἰς Ἱεροσόλυμα.

Καὶ ἤδη ὀψίας γενομένης⁴⁰, ἐπεὶ ἦν Παρασκευή, ὃ ἐστὶν προσάββατον, ἐλθὼν⁴¹ Ἰωσήφ [ὁ] ἀπὸ Ἀριμαθαίας εὐσχήμων βουλευτῆς, ὃς καὶ αὐτὸς ἦν προσδεχόμενος τὴν βασιλείαν τοῦ Θεοῦ, τολμήσας⁴² εἰσῆλθεν πρὸς Πιλᾶτον καὶ ῥήτησατο τὸ σῶμα τοῦ Ἰησοῦ. ὁ δὲ Πιλᾶτος ἐθαύμασεν εἰ ἤδη τέθνηκεν, καὶ προσκαλεσάμενος⁴³ τὸν κεντυρίωνα ἐπηρώτησεν αὐτὸν εἰ πάλαι ἀπέθανεν· καὶ γνοὺς⁴⁴ ἀπὸ τοῦ κεντυρίωνος ἐδωρήσατο τὸ πτῶμα τῷ Ἰωσήφ. καὶ ἀγοράσας σινδόνα καθελὼν αὐτὸν ἐνειλῆσεν τῇ σινδόνι⁴⁵ καὶ ἐθήκεν αὐτὸν ἐν μνημείῳ ὃ ἦν λελατομημένον ἐκ πέτρας⁴⁶ καὶ προσεκύλισεν λίθον ἐπὶ τὴν θύραν τοῦ μνημείου. ἡ δὲ Μαρία ἡ Μαγδαληνὴ καὶ Μαρία ἡ Ἰωσήτος ἐθεώρουν ποῦ τέθειται.

³⁹ A forma feminina do Particípio Presente encontra-se no caso Nominativo do plural e é traduzida no dicionário por “entre as quais”, em vez de “nas quais”.

⁴⁰ A expressão, composta pelo Substantivo em Genitivo e o Particípio no mesmo caso, constitui o Genitivo Absoluto e indica circunstâncias de tempo e causa.

⁴¹ Este Aoristo é traduzido no dicionário como “vindo”, em vez de “tendo vindo”.

⁴² O Particípio Aoristo 1 encontra-se no caso Nominativo, masculino do singular, pelo que traduzimo-lo por “tendo ousado”.

⁴³ Cfr. nota 41.

⁴⁴ Cfr. nota 41.

⁴⁵ Esta expressão desempenha a função sintática de complemento circunstancial de instrumento, com simples Dativo.

⁴⁶ A preposição “ἐκ” com Genitivo indica o lugar de onde ou a origem, sendo traduzida no dicionário por “em uma rocha” e não “de uma rocha”.

1.3 Tradução do Texto

Apresenta-se agora o texto traduzido, tendo para isso em conta as referências feitas acima. Deste modo, apresentamos uma tradução própria da Paixão de São Marcos, mediante a forma e as indicações que fizemos e assinalámos no texto em grego.

“E logo cedo, tendo deliberado os sumos sacerdotes e os escribas e todo o sinédrio, tendo amarrado Jesus, acabaram de O levar e entregar a Pilatos. E perguntou-lhe Pilatos: “Tu és o Rei dos Judeus?” Ele, porém, tendo-lhe respondido, diz: “Tu (o) dizes.” E acusavam-n’O os sumos sacerdotes de muitas coisas. Porém, Pilatos novamente interrogou-O, dizendo: “Não respondes nada?” Olha de quantas coisas te acusam. Mas Jesus já nada respondeu, a ponto de admirar Pilatos.

Em cada festa um prisioneiro que eles pediam era solto para eles. Estava, porém aquele que é chamado Barrabás, amarrado com os rebeldes, os quais tinham cometido uma repúdia. E, tendo subido a multidão, (esta) começou a pedir conforme o que lhes era costume. Pilatos, porém, respondeu-lhes, dizendo: “Quereis que eu vos solte o Rei dos Judeus?” Na verdade, ele acabava de saber que os sumos sacerdotes O tinham entregue por inveja. Mas os sumos sacerdotes incitaram a multidão para que, de preferência, Barrabás fosse solto para eles. Mas Pilatos, novamente, tendo respondido, dizia-lhes: “Que quereis, pois, que eu faça a Este que chamais o Rei dos Judeus?” Eles, porém, novamente gritaram: “Crucifica-O.” Mas Pilatos dizia-lhes: “Na verdade, que mal fez Ele?” Mas eles gritaram mais: “Crucifica-O.” E Pilatos, querendo contentar a multidão, soltou-lhes Barrabás e acabou de entregar Jesus, Tendo-(O) açoitado, para que fosse crucificado.

Os soldados conduziram-n’O para o interior do palácio, que é o pretório, e convocam todo o destacamento. Vestem-n’O de purpúra e colocam-Lhe, tendo tecido, uma coroa de espinhos e começaram a saúda-l’O: “Salvé, Rei dos Judeus”; e golpeavam a Sua cabeça com uma cana e cuspiam-Lhe, e tendo-se ajoelhado, adoravam-n’O.

E quando dele escarneceram, tiraram-Lhe as vestes e vestiram-n'O com as Suas roupas. E conduzem-n'O para fora, para que o crucifiquem.

E obrigam um certo transeunte, Simão de Cirene, que vinha do campo, o pai de Alexandre e Rufo, a que carregue a Sua cruz. E levam-n'O para o lugar do Gólgota, que é traduzido por Lugar da Caveira. E davam-Lhe vinho misturado com mirra; que Ele, porém, não tomou. E crucificam-n'O, e repartem as Suas vestes, lançando sortes sobre elas e sobre quem as levaria.

Era, porém, a hora terceira, e crucificaram-n'O. Estava em epígrafe a inscrição da Sua acusação: “ O Rei dos Judeus”. E com Ele crucificam dois ladrões, um à (Sua) direita e um à Sua esquerda. E os que passavam, blasfemavam-n'O, meneando as suas cabeças e dizendo: “ Ah, Aquele que destruiu o santuário e o edificou em três dias, salva-Te a Ti mesmo (agora), descendo da cruz. Da mesma forma, também os sumos sacerdotes, escarnecendo entre eles com os escribas, diziam: “Salvou outros (e) não pode salvar-Se a Si mesmo; Cristo, o Rei de Israel, desça agora da cruz, para que (O) vejamos e (Nele) creamos. Também os que foram crucificados com Ele O insultavam.

E tendo chegado a hora sexta, fez-se escuridão sobre toda a terra até à hora nona. E na hora nona, Jesus gritou, com voz forte: “Eloí Eloí lemá sabactâni?”, o que é traduzido por: Meu Deus, Meu Deus, por que Me abandonaste? E alguns dos ali presentes, tendo ouvido (isto), diziam: “ Olha, chama Elias.” Um, porém, tendo corrido e enchido uma esponja de vinagre, que foi colocada (colocou) numa cana, dava-Lhe de beber, dizendo: “Deixai, vejamos se Elias vem retirá-l'O.” Mas Jesus, soltando um grito forte, expirou. E o véu do santuário foi rasgado em dois, desde cima até baixo.

Vendo, porém, o centurião, que estava presente diante Dele, que Jesus assim expirou, disse: “Verdadeiramente, Este homem era Filho de Deus.”

Estavam também (ali) mulheres que olhavam de longe, no meio das quais também Maria Madalena e Maria, (mãe) de Tiago, o mais novo, e mãe de José e Salomé, as quais quando Ele estava na Galileia O seguiam e O serviam, e muitas outras que tinham subido com Ele para Jerusalém.

E tendo a tarde já chegado, visto que era (dia de) preparação, isto é, véspera de sábado, tendo vindo José de Arimateia, ilustre membro do sinédrio, que também estava à espera do Reino de Deus, tendo ousado, dirigiu-se a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. E Pilatos admirou-se de que (Ele) já tivesse morto e chamou o centurião e perguntou-lhe se morrera há muito. E sabendo (disso) pelo centurião, entregou o cadáver a José. Tendo comprado um lençol, (este) descendo-O, envolveu-(O) com o lençol e colocou-O no sepulcro, que tinha sido cavado de uma rocha, e rolou uma pedra sobre a porta do sepulcro. Maria Madalena e Maria (mãe) de José observavam (o local) onde (Ele) foi colocado.”

2. Títulos Cristológicos

Neste capítulo abordaremos os três títulos cristológicos presentes no Capítulo 15 do Evangelho de São Marcos. Antes, porém, é necessário fazer uma breve abordagem sobre o que significa a expressão “títulos cristológicos”. Para esta tarefa, começaremos por abordar as duas palavras que compõem a expressão, recorrendo às designações constantes num dicionário de língua portuguesa. Esta abordagem será feita individualmente: primeiro abordaremos o termo “título(s)” e em seguida o termo “cristológicos”. Depois desta abordagem geral, passaremos à análise da expressão a partir da consulta de um dicionário teológico, para a entendermos especificamente na área teológica.

No *Dicionário do Português Atual “Houaiss”*, para *título* encontramos a seguinte formulação:

“1. nome ou expressão que se coloca no começo de um livro, nos seus capítulos, em publicação de jornalísticas, peça de teatro, filme, música etc., que pode indicar o assunto ou simplesmente identificar, distinguir, individualizar a obra ou o trabalho. 2. qualquer obra que se apresenta sob a forma de livro, filme, música etc. 3. inscrição que serve aos mais diversos tipos de informação; letreiro, rótulo. 4. subdivisão us. Em textos legais. 5. denominação honorífica. 6. nome, designação, qualificação. 7. conceito de que alguém ou algo goza; reputação, renome, fama. 8. qualificação que exprime uma relação social, uma função, uma dignidade. 9. propriedade que determina a essência ou a natureza de um ser ou de algo; atributo, predicado, qualidade. 10. fundamento, motivo, pretexto. 11. grau deferido por escola superior”⁴⁷.

Seguindo a definição do dicionário podemos concluir, então, que “título” é um nome que serve para identificar alguém/algo, individualizar o seu trabalho. Além disso, através de um título podemos obter diversos tipos de informação, a colocar, por exemplo, num aviso ou letreiro. Podemos acrescentar que um título pode ser uma denominação honorífica, conceito de alguém

⁴⁷ AA.VV., *Dicionário do Português Atual “Houaiss”*, 2268.

que goza de reputação ou fama e ainda que o próprio título pode identificar a qualificação numa relação social, como acontece no caso de uma dignidade de que o possuidor do título usufrui. Por fim, a essência ou a natureza da pessoa/coisa a que o título se refere é afirmada por este.

Relativamente ao termo *cristológico(s)*, convém antes de mais salientar que esta palavra deriva do termo “Cristologia” que, por sua vez, advém do termo “Cristo”. Utilizando o dicionário encontramos claramente esta perspectiva. Assim sendo, o dicionário apresenta-nos estas três palavras e, para a primeira, *cristológico(s)*, esclarece que se trata de um adjetivo, designando tudo o que é “relativo a cristologia”⁴⁸. Da segunda palavra, “Cristologia”, o dicionário apresenta a seguinte definição: “estudo da personalidade histórica e doutrina de Cristo”⁴⁹. Relativamente ao termo “Cristo”, o dicionário refere que é “aquele que é ungido, consagrado”⁵⁰.

Da análise abreviada destes três termos, concluímos que o termo “cristológico(s)” é um adjectivo intimamente ligado à pessoa de Cristo, Aquele que é O ungido, O consagrado. Assim, o adjectivo congrega a personalidade histórica e a doutrina de Cristo, pelo que podemos concluir que se refere ao estudo da pessoa de Cristo, tendo em conta os seus ensinamentos.

Buscando agora uma definição da expressão “títulos cristológicos” no *Diccionario de Teologia Dogmática*, encontramos o seguinte:

“Assim se designavam os nomes honoríficos que se davam a Jesus no Novo Testamento. Em forma de confissão, aclamação, fórmula de fé que dão resposta a pergunta básica da cristologia: ‘Quem dizem os homens que Eu sou?’. No Novo Testamento encontramos a volta de 50 nomes diferentes para designar o Jesus terrestre e o Senhor ressuscitado. Os mais frequentes são: Cristo/Messias (500 vezes), Kyrios (350 vezes), Filho do Homem (80 vezes), Filho de Deus (75 vezes), Filho de David (20 vezes), ademais de Servo de Deus, Mestre, Profeta. O encontro com o Ressuscitado conduz a confissão fundamental de que o Jesus terrestre e crucificado é o Cristo exaltado a direita de Deus e que está presente na Igreja. A Cristologia

⁴⁸ Ibidem, 698.

⁴⁹ Ibidem.

Paulina, que gira em torno da cruz e ressurreição, fica completa pelos Evangelhos, que assentam a sua cristologia no Jesus histórico: desde da fé pascal explicam a pregação, a autoridade e as pretensões de Jesus no seu sentido mais profundo e referidas a sua pessoa. Se Jesus se atribuiu explicitamente os títulos cristológicos ou se se comportou de tal modo que se lho puderam aplicar como uma consequência interna depois da Páscoa, é algo que historicamente fica aberto pelo entreamente da história e Kerygma característico dos Evangelhos.”⁵¹

Com efeito, desta definição é possível inferir que os títulos cristológicos começam a fazer sentido a partir da experiência pós-Pascal. O mesmo é dizer que é com o acontecimento da morte e ressurreição de Jesus que a comunidade de Jesus começa a compreender a sua pessoa e os seus ensinamentos. Recorrendo novamente à definição, é evidente que existem vários títulos que servem para apelidar Jesus. De resto, na Sagrada Escritura, Jesus é nomeado de várias formas. Recordemos que se lhe referem frequentemente títulos reais. Assim, Jesus na Bíblia é denominado como o “Messias”, o “Cristo”, o “Senhor”, o “Rei dos Judeus”, o “Filho de Deus”. Os gentios, por seu turno, chamam-no “Galileu”, “Nazareno”, “Filho de David”; sendo também designado de: “Adonai”, “Emanuel”, o “Cordeiro de Deus”, o “Bom Pastor”, o “Salvador”, o “Redentor”. Pelas pessoas da Sua cidade-natal, Jesus é chamado o “Filho do Carpinteiro”. Nos títulos Joânicos é proclamado o “Verbo”, a “Palavra”, o “Caminho, a Verdade e a Vida”. Finalmente, nos títulos apocalípticos Jesus é declarado “Princípio e Fim”, “Alfa e Omega”. É através do encontro com Jesus Ressuscitado que é possível compreender algumas atitudes e posturas de Jesus. Já no que diz respeito à atribuição por parte de Jesus de algum dos títulos cristológicos, é complicado afirmar que Jesus tenha afirmado algum daqueles directamente, tal como nos diz a definição: “Se Jesus se atribuiu explicitamente os títulos cristológicos ou se se

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Cfr. Gerhard MÜLLER, “*Títulos Cristológicos*”, in AA.VV., Dicionário de Teologia Dogmática, 711-712.

comportou de tal modo que lhos puderam aplicar como uma consequência interna depois da Páscoa”⁵².

No final do artigo de Gerard Müller, onde apresenta a definição de “títulos cristológicos”, verificamos que “a maior parte dos títulos cristológicos carecia de uma fundamentalidade particular para a piedade e para a teologia, havendo-se imposto o título de Cristo, que se fundiu com Jesus até se converter num nome próprio, ainda que destacando a messianidade e a relação com o Antigo Testamento, e também os títulos de Senhor (sobretudo na liturgia) e de Filho de Deus, em torno do qual girou a luta pela recta interpretação do mistério da pessoa de Jesus”⁵³. Em suma, o título “Cristo” foi adoptado pela comunidade primitiva que o aplicou a Jesus, o que levou a que este título se tornasse nome próprio e, por conseguinte, referir-se a Jesus passou a implicar dizer “Jesus Cristo”.

⁵² Cfr. Ibidem, 712.

⁵³ Cfr. Ibidem, 714.

2.1 Jesus “O Messias”

Marcos usa o título “Messias” à cabeça da sua obra, à falta de melhor maneira para definir o objecto de todo o seu evangelho. A partir daqui o silêncio reina até à confissão de Pedro (Mc 8,29), um momento decisivo no evangelho, e de tal modo que Marcos divide a mensagem em duas partes, donde podemos inferir ainda a importância desta designação. No entanto, no sumário, Marcos tem claramente necessidade de explicar o significado da palavra “Messias”. A sua explicação enquadra-se no contexto do “segredo”, como expressão da necessidade do sofrimento messiânico. Note-se, neste âmbito, o violento contraste entre a afirmação triunfante de Pedro, “Tu és o Messias”, e o primeiro anúncio da paixão que se lhe segue, quase de imediato: “Vai-te da minha frente Satanás”⁵⁴.

Marcos usa o título de “Messias” pela quarta vez numa discussão célebre: “Como dizem os escribas que o Messias é o filho de David? O próprio David chama-lhe Senhor; como é Ele seu Filho? (Mc 12,35-37). Jesus é o Filho de David, como é sabido por todos. Mas esta descendência davídica é considerada por Jesus numa perspectiva totalmente nova – a ressurreição. Esta nova ordem, “segundo o Espírito”, é transcendente e, portanto, por si, universal⁵⁵. O mesmo é dizer que, ao contrário do que Pedro descobriu – que Jesus era o Messias – esta noção, em Jesus, vai muito para além da restauração do império de David. Como Paulo, Marcos chama a atenção para a ordem do Espírito e da ressurreição. De resto, foi “pelo Espírito” que David cantou este salmo: “Disse o Senhor ao meu Senhor: senta-te à minha direita, até que ponha os Teus inimigos debaixo de Teus pés” (Mc 12,36).

Numa outra passagem – Mc 13,21 – deparamo-nos com um discurso escatológico. Marcos evoca a espera da parusia⁵⁶, sugerindo uma correcção: “Jesus não virá como simples Messias, juiz de um país ou de um território circunscrito, mas como Filho do Homem, manifestado

⁵⁴ Cfr. G. Minette TILLESSE, *Le secret messianique dans l'Évangile de Marc*, 329-330.

⁵⁵ Cfr. *Ibidem*, 332.

irresistivelmente e simultaneamente no universo, porque ele vem do céu” (Mc 13,27). Assim sendo, surge a questão: nos títulos messiânicos acontece já a revelação do “segredo messiânico” ou, tal como acontece com outros elementos, apresentam-se apenas sugestões que orientam para o “segredo”? Tillesse diz que seria ilusão continuar a falar de “segredo messiânico”, sublinhando que “é muito claro que Marcos se conduz para o desenvolvimento teológico e cristológico querido e estudado e que corresponde exatamente ao silêncio que precede esta revelação. Os dois elementos, o ‘segredo’ anterior e a revelação actual, completam-se mutuamente”⁵⁷. Wrede, por sua vez, defende que o “segredo messiânico perdura até à ressurreição”⁵⁸. No entanto, será isto o mesmo que reconhecer que não encontramos, no relato da paixão, nenhum outro traço do segredo messiânico? Antes damo-nos conta de que a confissão de Jesus diante de Caifás tem o mesmo efeito que a confissão de Pedro. Na verdade, do mesmo modo que a confissão de Pedro constituiu o ponto de partida para uma fase inteiramente nova na economia do “segredo”, assim também a confissão de Jesus diante as autoridades oficiais divulga oficialmente o “segredo”, e irá conduzi-Lo à morte.

Analisando ulteriormente a expressão que nos é apresentada pelos sumos sacerdotes no texto da Paixão de São Marcos (Mc 15,32), devemos antes de mais dizer que “o título messias é especialmente difícil de estudar porque não havia um único conceito do que teria de ser o Messias”⁵⁹.

Na realidade, no estudo da Sagrada Escritura e conseqüente aprofundamento da pessoa de Jesus “não existem provas de que Jesus se apresentasse directamente como Messias no sentido

⁵⁶ Cfr. *Ibidem*, 333.

⁵⁷ Cfr. *Ibidem*, 339.

⁵⁸ Cfr. *Ibidem*, 340.

⁵⁹ Cfr. AA.VV., *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*, 1089.

real de David”⁶⁰. Recordemos a este respeito que só após a Sua ressurreição e aparição aos discípulos é que, “pela ressurreição, Jesus foi elevado à dignidade de Messias”⁶¹.

Com efeito, os títulos de “Messias” e “Senhor”, que são considerados títulos de exaltação, exaltam “o próprio Jesus, o Servo de Javé, que foi constituído Messias passando pela Kenose, pela paixão e pela cruz”⁶².

Como podemos observar em várias passagens da Escritura, “A esperança messiânica mergulha as suas raízes nas próprias origens da história de Israel”⁶³. Atente-se, por exemplo, 2Sam 7,12-16 e em variadíssimos salmos, nomeadamente o salmo 2, o salmo 20, o salmo 21 e o salmo 72, os quais apresentam a esperança e a confiança do povo na vinda de um Messias enviado por Deus.

Assim, analisando os mecanismos de expressão e referência dos sumos sacerdotes, podemos dizer que estes reconheciam Jesus como Messias, mas não o queriam admitir, pois perderiam tudo o que mantinham e queriam e, sobretudo, a sua influência no templo.

José Luís Martín Descalzo, neste tocante, aponta o título “Messias” como sendo o mais utilizado pela Igreja Primitiva. E se inicialmente “Messias” era sinónimo de “Cristo”, vinte séculos depois o título converteu-se no nome próprio de Jesus e daí em diante se banalizou, tornando-se um nome comum. Segundo este autor, no tempo de Jesus a denominação de “Messias” tinha vários significados: aparece frequentemente aplicado ao representante de Javé nos dias do final escatológico, por exemplo “no salmo 2,2 (reúnem-se os reis da terra... contra Javé e seu ungido)”⁶⁴; surge ainda como referência “ao rei de Israel (1 Sam 2,10), aos sacerdotes

⁶⁰ Cfr. *Ibidem*.

⁶¹ Cfr. Felicísimo MARTÍNEZ DÍEZ, *Crer em Jesus Cristo viver como cristão: Cristologia e seguimento*, 231.

⁶² Cfr. *Ibidem*.

⁶³ Cfr. *Ibidem*, 235.

⁶⁴ José Luís MARTÍN DESCALZO, *Vida e Mistério de Jesus de Nazaré*, 313.

(Ex 28,41) e ao próprio rei Ciro, como instrumento de Javé, para libertar o povo de Israel do cativeiro de Babilónia (Is 45,1)”⁶⁵.

Martín Descalzo refere ainda que é no tempo do cativeiro de Babilónia que a figura do Messias, e conseqüentemente o título que lhe corresponde, vai firmando o seu lugar e se espalha e vulgariza junto do povo judeu como designação da pessoa ligada à questão escatológica. No império romano, esperando o povo judeu a vinda de um Messias para o salvar, este título estende o seu sentido à dimensão política e bélica. O autor apresenta ainda os salmos do rei Salomão como os mais representativos da figura do Messias numa perspectiva claramente triunfalista. Assim se percebe que na época de Jesus à concepção da figura do Messias subjazia uma dimensão mista de carácter religioso e político. Em relação a esta mescla que frequentemente redundava em confusão Martín Descalzo realça que se esperava “tudo, evidentemente, menos a possibilidade de um Messias que pregue um Reino que não é deste mundo (Jo 18,36) e que salve o seu povo, não com a espada, mas com a sua própria morte”⁶⁶.

Para o mesmo autor é evidente que Jesus tinha consciência do seu messianismo, tinha receio de o utilizar devido à confusão do povo relativamente a esta figura. Quando, na sinagoga de Nazaré, Jesus lê o texto do profeta Isaías: “O espírito do Senhor Deus está sobre Mim, porque o Senhor Me ungiu: enviou-Me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros” (Is 61,1) é claro que se atribui a Si mesmo o título de “Messias”, e clarifica-o dizendo: “cumpru-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir “ (Lc 4,11). Outro exemplo demonstrativo desta consciência de Jesus pode ser considerado o episódio da Samaritana, onde junto ao poço de Jacob a Samaritana diz a Jesus: “Eu sei que o Messias, que é chamado Cristo, está para vir. Quando

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ Ibidem, 314.

vier, há-de fazer-nos saber todas as coisas” (Jo 4,25) e Jesus responde-lhe: “Sou Eu, que estou a falar contigo” (Jo 4,26).

Para Theissen e Merz, o termo “Messias”, no Novo Testamento, deriva da designação “Messias” do Antigo Testamento, aplicável especificamente a sacerdotes, reis e profetas⁶⁷. Porém, deve salientar-se que no Antigo Testamento a figura do Messias está intimamente ligada ao “Ungido”: o Messias era o Ungido, designação específica, relativa aos rituais por que passavam os reis, como os sacerdotes e profetas, e por isso mesmo aplicável a estas três classes e distinta do conceito apresentado, sob a mesma designação, no Novo Testamento.

Todas as figuras que surgem no Antigo Testamento como Messias, ou Ungidas, são figuras históricas, as quais não terão tido qualquer tipo de salvação no futuro. Recorde-se que no livro de Samuel e no Saltério, os reis são apresentados como os ungidos de YHWH. Já os profetas não fazem qualquer referência à figura do Messias. Com a queda da monarquia e no exílio, a figura do Messias reveste-se de uma nova vertente, mais sacerdotal, sendo que as ocorrências textuais do conceito (Messias sacerdotal) são tardias. Porque, segundo Theissen e Merz, “podemos partir da assunção de que o ritual de unção cessa com a monarquia dos hasmoneus, formada de acordo com modelos helenísticos: os reis helenísticos não são ungidos, mas coroados com um diadema”⁶⁸. É possível observar que no período veterotestamentário grassavam expectativas messiânicas sem o conceito de Messias subjacente, bem como era frequente chamar Messias a figuras históricas, sem que a essa designação se associasse qualquer expectativa messiânica.

⁶⁷ Cfr. Gerd THEISSEN; Annette MERZ, *O Jesus Histórico*, 558.

⁶⁸ *Ibidem*, 559.

Na época do Novo Testamento, as figuras messiânicas não eram necessariamente designadas mediante o título de Messias. Segundo Martín Descalzo, “fora de Qumran, a expectativa predominante é apenas a de um Messias régio”⁶⁹.

Mas ao longo da história de Israel a apropriação do título Messias e respectiva expectativa messiânica encontra-se muito frequentemente. Rebeldes e membros do povo que almejavam ser carismáticos, líderes políticos que queriam ver conhecido o seu poder e até alguns reis pagãos do oriente afirmavam-se como ungidos de YHWH. De forma sucinta é ainda possível elencar especificamente algumas figuras históricas que utilizaram o título Messias em proveito próprio, a saber: o líder dos macabeus, Simão, é referido como detentor de expectativa messiânica em 1Mc 14, 1-5; outro exemplo é o do filho de João Hircano, que se apoderou do nome Messias, pois queria ser mais do que rei, príncipe e profeta.

Assim se percebe que “quando os primeiros cristãos afirmaram que Jesus era o Messias, que somente ele era a figura messiânica esperada que trazia a salvação e redenção, eles, com essa reivindicação, rivalizavam com ideologias políticas. Um cumprimento que os dominadores reivindicavam para si, os cristãos o reivindicavam para uma vítima daqueles que dominavam”⁷⁰.

No entanto, dadas as poucas bases históricas e/ou textuais é praticamente impossível colocar o Jesus histórico face ao título de “Messias”, o qual abunda apenas nos textos gnósticos e afins. De resto, a tradição narrativa demonstra que o título mais utilizado nos textos era “Christos” e que expectativas próximas deste conceito eram igualmente utilizadas pelos seus seguidores. Paulo, por exemplo, utilizava o termo “Cristo”, diferente de “Messias”, por ser mais afim com a morte e paixão de Jesus, tendo em conta a ligação que a morte de Cristo tem connosco.

⁶⁹ Ibidem, 563.

⁷⁰ Ibidem.

Daqui o nosso autor infere as seguintes hipóteses: “Jesus tinha uma autocompreensão messiânica, mas sem o título Messias. (...) Depois da Páscoa, os seus discípulos atribuíram-lhe uma nova dignidade messiânica como o Messias sofredor cuja morte tivera um significado salvífico”⁷¹.

Recordemos que a maior referência que temos ao título “Messias” no Evangelho de Marcos reside na confissão de Pedro, mas após esta confissão Jesus pede aos seus discípulos que não digam nada a ninguém. Então, parece claro que “Marcos quer evitar uma compreensão equivocada da dominação de Messias; esta podia entender-se num sentido terreno e político que não está em consonância com a compreensão que Jesus tem de si mesmo de ser o Filho do Homem o qual vai até ao sofrimento e a morte”⁷².

Não existem dúvidas de que a comunidade primitiva considerava Jesus o Messias, ou seja, o Ungido de Deus, o rei esperado da casa de David. Com efeito, ser cristão nesse tempo era afirmar que se acreditava e professar que Jesus era o Messias. Sabemos, então, que a comunidade primitiva professava Jesus como Messias, a partir das referências dos quatro evangelistas a este título. Contudo, não podemos dizer que o próprio Jesus se considerava Messias no mesmo sentido da comunidade.

Segundo Raymond Brown, “é muito improvável que Jesus negasse alguma vez que era o Messias, porque se o tivesse negado, os seus seguidores teriam dito que tinha sido executado por cargos totalmente falsos: ele não era um rei e para além disso negou que o era”⁷³.

Ora, mesmo que tivesse negado que era rei, tal como eles afirmavam em todo o processo, Jesus foi conduzido como Rei dos Judeus, na dimensão política, que ele negou, tal como alerta Raymond Brown. Na verdade, devemos salientar a forma como o seu processo foi direccionado para a vertente política, como o demonstram as intervenções de Pilatos e os escritos que

⁷¹ Ibidem, 565.

⁷² Cfr. Rudolf SCHNACKENBRUNG, *La persona de Jesucristo: reflejada en los cuatro Evangelios*, 99.

apresentam Jesus da forma como Ele era visto, a saber: como Rei, pois “é certo que alguns dos que O acusavam, judeus e gentios, pensaram que Jesus ou os seus seguidores diziam que Ele era o Messias (rei)”⁷⁴.

Acerca do Messianismo de Jesus e da forma como os Judeus, seus seguidores, o concebiam, Raymond Brown conclui que embora “Jesus nunca aceitasse claramente ou com entusiasmo este título no sentido que lhe davam tanto os seus seguidores como os seus detratores”⁷⁵, era evidente a aplicabilidade e generalização do conceito.

⁷³ Cfr. Raymond E. BROWN, *Introducción a la Cristología del Nuevo Testamento*, 93.

⁷⁴ Cfr. *Ibidem*.

⁷⁵ Cfr. *Ibidem*, 94.

2.2 Jesus “Rei dos Judeus /Servo de Javé”

A expressão “rei dos judeus” é utilizada por Pilatos no diálogo que tem com Jesus. Na verdade, Pilatos pergunta a Jesus: «És Tu o rei dos judeus?» (cf. Mc 15,2). Aqui é evidente a afirmação da realeza de Jesus por Pilatos, uma afirmação que “não deve ter agradado aos sumos sacerdotes; pois para os judeus, deveria ter sido: «rei de Israel»”⁷⁶. À pergunta de Pilatos Jesus responde «Tu o dizes» (cf. Mc 15,2), uma resposta que mostra claramente que “Jesus declara, diante de Pilatos, ser «o rei dos judeus»”⁷⁷.

A expressão da realeza de Jesus é igualmente frequente o longo do seu julgamento, quer directamente pela boca de Pilatos e pela boca dos sumos sacerdotes, quer indirectamente, quando Pilatos pergunta: «Então que quereis que faça daquele que chamais rei dos judeus?» (cf. Mc 15,12) e quando os soldados ridicularizaram “com socos e gestos ao que é «rei dos judeus»”⁷⁸.

Esta zombaria por parte dos soldados - «Salvé! Ó rei dos judeus» (cf. Mc 15,18) - corresponde de certa forma à sua apresentação. “Jesus, o flagelado, condenado à morte, que estava já no primeiro acto de tortura da terrível crucifixão, recebe a homenagem sarcástica da soldadesca como «rei dos judeus». Mas o que fazem como zombaria é a triste e dramática realidade: crucifica-se não só o rei dos judeus, mas o rei do universo!”⁷⁹.

O letreiro que Pilatos escreveu para ser colocado por cima da cabeça de Jesus é outro elemento digno de realce, pois é através dele que todos os que por ali passam ficam a conhecer a realeza de Jesus, afirmada por Pilatos mediante a afixação deste “título” na cruz. A mesma noção sobressai da sua versão curta, considerada a mais antiga e transmitida por Mc 15,26: “o rei dos

⁷⁶ Cfr. Fritzleo LENTZEN-DEIS, *El Evangelio de San Marcos: modelo de nueva evangelización*, 407.

⁷⁷ Cfr. *Ibidem*, 405.

⁷⁸ Cfr. *Ibidem*, 410.

⁷⁹ Cfr. *Ibidem*, 411.

judeus”⁸⁰. Daqui resulta, segundo algumas interpretações, inequívoco que Jesus foi condenado à morte “como rebelde político”⁸¹.

Relativamente à expressão “servo de Javé”, José Luís Martín Descalzo começa por elencar os textos do profeta Isaías (Is 42;49;50;52;53), que mostram o reverso da medalha, em contraposição com as visões triunfalistas do Messias do Antigo Testamento.

Os capítulos de Isaías acima referidos apresentam e descrevem um servo de Javé, profeta como Jeremias e rei como David, o que configura uma síntese de todos os ideais de futuro para um povo que está longe de imaginar que esse futuro só é possível pela Sua morte. Segundo Descalzo, “no capítulo 52, vemos este servo que, diante do olhar atónito das nações, caminha para uma morte infame, a dos criminosos e indignos, e avança como cordeiro inocente destinado ao matadouro. Caminha, só, porque, ao tornar-se solidário com um povo pecador, acaba por carregar os pecados de todos”⁸².

Note-se que no tempo de Jesus a figura do servo tinha sido totalmente esquecida e até proscribida do ensinamento rabínico. Sempre que surgia num texto do profeta Isaías, por exemplo, o conceito era deformado e suavizado nas suas expressões. Já no que diz respeito a Jesus, a figura do servo sofredor sempre esteve presente no pensamento e horizonte da sua vida. Podemos, efectivamente, ver essa questão em Cesareia de Filipe, após a confissão messiânica do apóstolo Pedro. Depois desta afirmação de Fé, por Pedro, Jesus “começou, depois, a ensinar-lhes que o Filho do Homem tinha de sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da Lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias” (Mc 8,31). Da afirmação de Jesus avulta uma clara consciência de que era servo de Deus, um servo sofredor que, dentro em pouco, seria entregue à morte.

⁸⁰ Joachim GNILKA, *Jesus de Nazaré: Mensagem e história*, 288.

⁸¹ Cfr. Walter KASPER, *Jesús: El Cristo*, 192.

⁸² José Luís MARTÍN DESCALZO, *op. cit.*, 318-319.

As indicações textuais relativas à designação de “servo de Javé” são frequentes ao longo da vida de Jesus. Destaquem-se, a este respeito, o batismo de Jesus, onde Ele é proclamado como “o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo” (Jo 1,29), ou a Última Ceia, onde Jesus utiliza uma passagem do profeta Isaías para anunciar a Sua morte nos seguintes termos: “porque, digo-vo-lo Eu, deve cumprir-se em mim esta palavra da Escritura: foi contado entre os malfeitores” (Lc 22,37).

O título “rei dos Jesus” aparece, no texto em estudo, pela boca de Pilatos e dos soldados, em forma de pergunta e de escárnio e burla, respectivamente. Este título, “Rei de Israel, era um título de honor, enquanto que Rei dos Judeus aparece a uma luz ambígua”⁸³. Diante Jesus, Pilatos faz a seguinte pergunta: “Tu és o Rei dos Judeus?” A esta pergunta Pilatos obtém de Jesus a seguinte resposta: “Tu (o) dizes.”. Este diálogo indica que se a pergunta fosse “encaminhada para a esperança da salvação para Israel, Jesus teria de responder com um sim, mesmo que fosse necessário esclarecer a resposta. Mas, como a pergunta - sobre os lábios do juiz romano - refere-se a uma pretensão política, Jesus respondeu evasivamente”⁸⁴.

⁸³ Cfr. Rudolf SCHNACKENBRUNG, *op. cit.*, 99.

⁸⁴ Cfr. *Ibidem*.

2.3 Jesus “Filho de Deus”

Se, no começo da sua catequese (Mc 1,1), Marcos afirma que o evangelho é Jesus de Nazaré, o Messias enquanto “Filho de Deus”, no final (Mc15,39) Marcos põe nos lábios do centurião uma declaração que explica como actua o “Filho de Deus”: morrendo. Assim, segundo Marcos, Jesus Messias é divino, característica que lhe advém da sua condição de “Filho de Deus”, e que manifesta, de um modo especial⁸⁵, através da morte.

A expressão “Filho de Deus” aparece 7 vezes no evangelho de Marcos, sendo considerado o evangelho que melhor exprimiria a dignidade de Jesus. O uso do título “Filho de Deus” é, em Marcos, “envolvido por uma solenidade muito particular, sublinhando bem a importância que ele revela na sua teologia”⁸⁶. Na realidade, ele é, em duas situações distintas, revelador do testemunho divino no desenrolar de uma teofania: uma vez o próprio Jesus confessa publicamente a Sua dignidade diante da religião oficial do seu povo (Mc 14,61); as outras duas vezes correspondem ao título (Mc 1,1) e na conclusão (Mc 15,39) – e encontram a expressão máxima na primeira e a última palavra de Marcos. Aqui a novidade reside em vincular Jesus de forma especial e única à realidade divina, que lhe advém da Sua filiação, apresentada por Marcos explícita e implicitamente.

Jesus é “Filho de Deus” explicitamente em Mc 13,32, onde se fala do Filho de modo absoluto; em Mc 12,6, quando se identifica Jesus com o “Seu Filho querido”, o enviado escatológico de Deus, um título conexo com a missão, mas anterior a ela, expressa sobretudo uma relação especial e íntima com Deus. Por Jesus se intitular “Filho de Deus”, o Sinédrio procura matá-Lo (Mc 12,12), interrogando-O mais tarde sobre isso (Mc 14, 61) e decidindo a Sua morte (Mc 15,39). Em Mc 14,36, Jesus ora a Deus, chamando-O, em atitude de total confiança e

⁸⁵ Cfr. R. MONASTERIO; A. CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, 140.

⁸⁶ Cfr. G. Minette TILLESSE, *op. cit.*, 352.

obediência à Sua vontade⁸⁷, “Abbá”. Implicitamente, são várias as pistas que Marcos oferece. Primeiro, Jesus actua como intérprete especial e único da vontade do Pai contida na Lei. Fala com autoridade (Mc 1,22), critica as deformações da vontade de Deus, que o próprio Moisés introduziu por causa da dureza do coração do povo (Mc 10,5) e que foram posteriormente introduzidas pelos escribas e fariseus através da tradição oral (Mc 7,6-8), e declara-Se Senhor do Sábado, opondo-se ao legalismo farisaico (Mc 2,28). Mais, Ele afirma que a vontade de Deus é feita como Ele a propõe: os que a fazem, formam a Sua família (Mc 3,35); por conseguinte, a verdadeira vocação passa pela vivência dos mandamentos de uma forma concreta, seguindo-O a Ele (Mc 10,19)⁸⁸.

Ser Filho é pois, ter uma relação de carácter único, íntimo, cordial com Deus, cujo poder partilha e com cuja vontade se identifica, realizando-a, proclamando-a e defendendo-a. Isto implica uma missão no meio dos Homens, entre os quais realiza a vontade poderosa e amorosa de Deus. Jesus quer implantar no meio dos Homens o Reino de Deus, mas isto através da dominação divina que se manifesta na debilidade. Ele não pretende destruir o Homem livre, irrompendo violentamente e impondo-se à liberdade humana, mas pode ser aceite, livremente e por amor. Para isso, o único caminho é o da debilidade. O título “Filho de Deus” tem, por isso e em si mesmo, uma conotação muito densa englobando dois aspectos inseparáveis da missão de Jesus, missão divina, que Jesus realiza na obediência até à morte. Podemos aqui dizer que a filiação de Jesus surge por reconhecimento do Pai nos relatos do Baptismo do Senhor “Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus todo o meu agrado” (Mc 1,11) e no relato da Transfiguração de Jesus “Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o” (Mc 9,7).

“O grito que exprime o abandono por parte de Deus é a citação do salmo 22,2; a oração do justo que é perseguido, inocente. A morte de Jesus na cruz converte-se na vitória sobre o

⁸⁷ Cfr. R. MONASTERIO; A. CARMONA, *op. cit.*, 141.

⁸⁸ Cfr. *Ibidem*, 142.

templo, enquanto se rasga a sua cortina. Neste ponto culminante do evangelho de Marcos, o centurião pagão confessa, em nome de todos os crentes, a realidade do Filho de Deus”⁸⁹.

É pela voz do centurião pagão que Jesus é proclamado «Filho de Deus». Então, é um pagão que dá a conhecer ao mundo a divindade de Jesus e a sua filiação ao Pai, uma afirmação que atravessa os três evangelhos Sinópticos (Mc 15,39; Mt 28,54; Lc 23,47).

Assim, “a confissão do centurião romano, protótipo do leitor de Marcos, reconhece ao homem Jesus como Filho de Deus «ao ver... que havia expirado dessa maneira». A cruz é assim a grande revelação de Jesus, que confirma os títulos dados em Mc 1,1.11”⁹⁰. Por conseguinte, torna-se evidente a pretensão de Marcos de fazer do seu evangelho um evangelho cristológico, cuja afirmação central é que Jesus é Filho de Deus, como pode verificar-se no início, meio e fim do seu texto, pela boca do centurião romano.

O título é “eminente ontológico para definir e confessar a divindade de Jesus”⁹¹, mas note-se que “nos primeiros momentos da comunidade cristã, e eventualmente em Jesus histórico, o título de «Filho de Deus» tem um sabor relacional, e não tanto ontológico”⁹², pelo que podemos dizer ainda que “«Filho de Deus» converteu-se numa espécie de definição da natureza de Jesus, da sua identidade pessoal”⁹³.

Além de aplicável ao Messias, o título “Filho” é também atribuído aos anjos e aos justos. Umhas vezes, por causa da eleição e da aliança, outras por causa da missão a que estão ligados e ainda outras em virtude da obediência e fidelidade à vontade de Deus.

Dois episódios que referenciam e explicitam claramente Jesus como Filho de Deus são o Baptismo e a Transfiguração, mas só “a partir da experiência pascal, a comunidade cristã projecta

⁸⁹ Cfr. Fritzleo LENTZEN-DEIS, *op. cit.*, 418.

⁹⁰ Cfr. António RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelio de Marcos*, 148.

⁹¹ Cfr. Felicísimo MARTÍNEZ DÍEZ, *op. cit.*, 262.

⁹² Cfr. M. HENGEL, *El Hijo de Dios. El origen de la cristología y la historia de la religión judeohelenista*, 185.

⁹³ Cfr. Felicísimo MARTÍNEZ DÍEZ, *op. cit.*, 262.

a sua fé pascal retrospectivamente e atribui, ao passado do Ressuscitado, a sua condição de Filho de Deus”⁹⁴.

No entanto, para interpretar claramente o título «Filho de Deus», “torna-se imprescindível saber a que tradição recorreu a comunidade cristã primitiva para o aplicar a Jesus Ressuscitado e, posteriormente, a Jesus terreno”⁹⁵.

No decorrer dos evangelhos só “nos sinópticos o título aparece uma só vez na boca de Cristo (Mc 13,32)”⁹⁶, o que pode levar-nos a pensar que nem o próprio Jesus se considerava ou tinha a consciência da sua filiação divina. Mesmo esta afirmação de Marcos é muito indirecta, pois Jesus diz «nem os anjos do Céu, nem o Filho; só o Pai» (Mc 13, 32).

Segundo Martín Descalzo, há que aprofundar de que forma é que Jesus exprime a sua união com Deus, tendo em conta que não podemos esperar que Ele o faça por conceitos filosóficos. Assim sendo, o autor afirma que “Jesus tem, para exprimir esta relação, uma forma constante: Deus é seu Pai; Ele é seu Filho”⁹⁷.

Bultmann afirma, todavia, que estas expressões são possivelmente acrescentos feitos pela comunidade cristã, tendo as mesmas sido buscadas na cultura helénica, pois era impensável que num ambiente monoteísta como o de Israel estas expressões existissem de facto. Mas, tendo em conta o Antigo Testamento, este título já está patente em vários livros da Escritura. No livro do Êxodo pode ler-se: “O meu filho primogénito é Israel” (Ex 4,22). No livro do profeta Oseias, podemos ler de igual forma: “Eu amei-o, e chamei do Egipto o meu filho” (Os 11,1).

Então, várias vezes se chama “Filho” ao povo de Israel, ou aos reis, mas estes casos nunca correspondem a uma união substancial com o Pai, nem sequer a grande intimidade. Não obstante, no caso de Jesus a questão é outra, pois Jesus “começa por falar sempre ‘meu’ Pai em contraste

⁹⁴ Cfr. *Ibidem*, 263.

⁹⁵ Cfr. *Ibidem*, 264.

⁹⁶ Cfr. Giovanni MARCHESI, *Jesús de Nazaret, quién eres?*, 146.

⁹⁷ José Luís MARTÍN DESCALZO, *op. cit.*, 326.

com ‘vosso’ Pai, que usa quando se dirige aos discípulos”⁹⁸. Saliente-se que Jesus só se refere a Deus como nosso Pai única e exclusivamente na oração do Pai Nosso, quando os discípulos lhe pedem que os ensine a rezar. Por conseguinte, concluímos que Jesus tem clara consciência de que a filiação que Ele tem com Deus é diferente da dos discípulos e dos outros.

Esta consciência, tem-na Jesus desde pequenino. Recorde-se que aquando da Sua apresentação no templo, ele não volta para casa com os seus pais, mas fica no templo. E quando José e Maria voltam ao templo para procurar Jesus, encontrando-o, Ele lhes diz: “Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?” (Lc 2,48). Outra referência desta consciência por parte de Jesus, encontramos no evangelho de São Mateus, onde Jesus diz “Vinde, benditos de meu Pai” (Mt 25,34). Finalmente, outro texto que documenta esta consciência de Jesus como Filho de Deus é o de São João após a Ressurreição de Jesus, onde Este diz a Maria Madalena: “subo para o meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é vosso Deus” (Jo 20,17). Deste texto avulta a relação de intimidade de Jesus com Deus e dos outros com Deus, através dos artigos “meu” e “vosso”.

A assunção de Jesus como Filho de Deus está ainda presente na confissão de Pedro, onde este afirma Jesus como Messias, Filho de Deus. Outros exemplos que podemos elencar são: o do sumo Sacerdote Caifás que em São Marcos diz: “és Tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?” (Mc 14,62) ou o do centurião romano que afirma: “verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15, 39).

O título “Filho de Deus” também é dado a Jesus através da experiência pascal, pois só depois dos acontecimentos pascais é que os discípulos de Jesus têm a consciência e visão necessárias para reconhecer Jesus como Filho de Deus. Na Sagrada Escritura são vários os textos que apresentam Jesus como Filho de Deus, a saber: a Carta de São Paulo aos Romanos no seu

⁹⁸ Ibidem, 327.

capítulo primeiro; o livro dos Actos dos Apóstolos no capítulo treze; o Salmo dois no seu versículo sete e, por último, o Evangelho de São Mateus no capítulo onze, onde encontramos uma forte ligação entre onipotência e o título de Filho (de Deus).

Ao longo da sua vida pública, Jesus fala de Deus como Pai, mas simultaneamente mostra que este Deus que é Pai, é Pai de Jesus e é Pai de todos os homens e mulheres que promovam a paz e amem os seus inimigos. Podemos encontrar na boca de Jesus o título “filhos de Deus”, no plural, tal como o encontramos nas Bem-aventuranças que Ele apresentou à multidão: “Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9). Esta formulação no plural manteve-se ao longo da história, continuando depois da experiência pós-pascal, como verificamos na Carta de São Paulo aos Romanos no capítulo oito: “de facto, todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus. Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adoptivos. É por Ele que clamamos: Abbá, ó Pai! Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos de Deus, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, pressupondo que com Ele sofremos, para também com Ele sermos glorificados” (Rm 8,14-17) e na Carta de São Paulo aos Gálatas no capítulo quatro: “Mas eu digo-vos: durante todo o tempo em que o herdeiro é criança, em nada difere de um escravo, apesar de ser senhor de tudo. Pelo contrário, está sob o domínio de tutores e administradores, até ao dia fixado pelo seu pai. Assim também nós, quando éramos crianças, estávamos sob o domínio dos elementos do mundo, a eles sujeitos como escravos.

Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adopção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações

o Espírito do seu Filho, que clama: "Abbá! - Pai!" Deste modo, já não és escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro, por graça de Deus." (Gl 4,1-7)

Assim se compreende que "O significado crescente do título 'Filho de Deus' no ambiente pagão origina-se claramente em Mc: nesse Evangelho, um demônio no território pagão é o primeiro a dirigir-se a Jesus como 'Filho do Altíssimo', sem que venha depois uma ordem de silêncio (Mc 5, 7)"⁹⁹. Já no que diz respeito ao ser humano, o primeiro que professa a sua Fé e confessa que Jesus é o Filho de Deus é o centurião romano, um homem pagão e que na cruz vendo Jesus confessa que Jesus é "verdadeiramente (...) Filho de Deus" (Mc 15, 39).

Para Rudolf Schnackenburg, a questão do título "Filho de Deus" no evangelho de São Marcos além de presente está vincada, aparecendo cinco vezes de forma explícita e duas vezes de forma implícita. Esta questão, segundo o autor acima referido, é difícil de estudar mas digna de saliência no evangelho de São Marcos. Por isso, o mesmo autor exorta-nos a "indagar o sentido e o alcance dessa designação da majestade de Jesus no âmbito do Evangelho de Marcos, mas em todo ele não podemos prescindir, claro está, dos antecedentes pressupostos na tradição. Sobre o nosso tema perguntamos concretamente o que significa a designação de Jesus como 'Filho de Deus' para a imagem de Jesus Cristo no Evangelho de Marcos"¹⁰⁰.

Quando escutamos da boca do centurião romano a frase "verdadeiramente este homem era Filho de Deus" (Mc 15, 39), ressalta desta confissão de Fé um claro contraste entre a afirmação "homem" e a afirmação "Filho de Deus". Na verdade, o centurião com esta exclamação afirma, ao mesmo tempo, a sua fé na humanidade de Jesus e na sua divindade. Então, podemos dizer que esta é a afirmação mais condensada de fé, por nela se realizar a afirmação de Jesus terreno e Jesus divino, ou seja, o Cristo da história e o Cristo da fé.

⁹⁹ Gerd THEISSEN; Annette MERZ, *op. cit.*, 582.

¹⁰⁰ Cfr. Rudolf SCHNACKENBRUNG, *op. cit.*, 77.

A afirmação do Filho de Deus que é professada na sua paixão e na época pós-pascal claramente compreendida tem o seu fundamento em textos da Sagrada Escritura, mas é possível estudar esta afirmação já a partir de textos pré-pascuais, como por exemplo as afirmações do Salmo 2: “Tu és meu filho, Eu hoje te gerei” (Sl 2,7), ou o texto do profeta Isaías, o Servo de Javé, no primeiro cântico do Servo: “Eis o meu servo, que Eu amparo, o meu eleito, que Eu preferi” (Is 42,1), ou ainda no início do Evangelho de São Marcos: “princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1).

A questão da filiação de Jesus – “Jesus, Filho de Deus” - é complicada, tendo sido ao longo dos séculos alvo de constante discussão. Assim sendo, neste tocante avulta o pensamento de Nestório que, no ano de 429, “pregou na Catedral de Constantinopla que Maria não era Theotokos”¹⁰¹. Esta afirmação coloca em causa a filiação de Jesus. Na verdade, Nestório, ao dizer que Maria não é Theotokos, “Mãe de Deus”, corta a filiação de Jesus a Deus Pai, colocando Jesus como filho de Maria, não de Deus. Para Nestório, então, seria mais aconselhável chamar a Maria “Mãe de Cristo ou Mãe do Emanuel”¹⁰², pelo que inferimos que a teologia de Nestório é uma teologia das naturezas com importantes consequências, a saber: o Verbo não teria sido realmente homem e não teria sofrido por nós, tudo desembocando na negação do mistério da salvação e da filiação de Jesus.

Para responder a Nestório e a outros sobre a questão da natureza de Jesus e, conseqüentemente acerca da sua filiação a Deus Pai, o Concílio de Calcedónia postula a “dualidade de naturezas, a sua integridade e a sua não confusão”¹⁰³. Desta forma, em 451 a Igreja apresenta uma afirmação de fé, que professava em Jesus Cristo, Deus e Homem. Esta fórmula surge em Calcedónia e apresenta-se da seguinte maneira: “ Se há-de reconhecer a um só e o mesmo Cristo Senhor, Filho unigénito, com duas naturezas, sem confusão, sem permuta, sem

¹⁰¹ Cfr. Christian DUQUOC, *Cristologia: ensaio dogmatico sobre Jesus de Nazaret el Mesias*, 260.

¹⁰² Cfr. *Ibidem*, 262.

divisão, sem separação. A diferença de naturezas de nenhum modo fica suprimida pela sua união, mas ficam a salvo as propriedades de cada uma das naturezas e confluem numa só pessoa e numa só hipóstasis”¹⁰⁴.

Do que foi exposto facilmente se infere que Calcedónia foi o culminar de um largo processo de busca ao longo da História da Igreja, processo este levado a cabo sem romper com a profunda continuidade na confissão da mesma fé em Jesus Cristo, Senhor e Filho de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

¹⁰³ Cfr. *Ibidem*, 264.

¹⁰⁴ Cfr. Bernard SESBOÛÉ, *Cristo, Señor e Hijo de Dios*, 143.

Conclusão

Ao concluir a presente dissertação, dedicada aos títulos cristológicos na Paixão de São Marcos, torna-se necessário rever o trabalho realizado, focar os seus aspectos mais relevantes, assim como as dificuldades surgidas e entretanto ultrapassadas.

Na elaboração do primeiro capítulo surgiram muitas e variadas dificuldades. Em primeiro lugar, a criação de uma tabela sinóptica onde teria que trabalhar os dados dos quatro evangelhos e destacar comparações e diferenças afigurou-se uma tarefa complexa. Apesar de inicialmente difícil, este foi um trabalho que me deu gosto fazer, pois tive oportunidade de aprofundar algumas questões formais e factuais, para as quais recorri às notas de rodapé da Bíblia dos Capuchinhos, nomeadamente para alguns termos dos Evangelhos de Marcos e de Mateus, em que Jesus é apresentado como marginal, tal como salientei no ponto 1.1.1. Outra referência digna de nota é, por exemplo, o facto de Lucas não fazer qualquer tipo de referência à coroação de espinhos de Jesus. Deste primeiro ponto do primeiro capítulo pode ainda inferir-se que o facto de os quatro evangelistas se referirem ao letreiro que foi colocado por cima da cabeça de Jesus, onde se afirma Jesus como o Rei dos Judeus, letreiro este escrito e mandado afixar por Pilatos na cruz de Jesus.

O segundo ponto do primeiro capítulo foi para mim o mais complicado, dado o nível de exigência subjacente, mormente relativo a conhecimentos adquiridos logo no início do curso. Refiro-me claramente à utilização do texto em grego. Este ponto foi trabalhado a partir do dicionário interlinear. Ao nível da análise de Marcos 15, elencámos de seguida as questões de maior relevo. Em primeiro lugar, quanto à questão apresentada na nota 5 relativa ao “αὐτὸν”, complemento directo do verbo interrogativo que no dicionário interlinear aparece traduzido por “perguntou”, com a transformação do pronome para o equivalente com a função de complemento indirecto, deve referir-se que uma opção mais acertada seria “interrogou” para manter a sintaxe do original com “αὐτὸν”. Da mesma forma, poderíamos salientar a palavra “ἀποκρίνη” que se

encontra no presente do Conjuntivo médio, na 2.^a pessoa do singular, pelo que a sua utilização se explica por estarmos no plano do irreal. É também de destacar a precedência do povo em relação a pessoa de Jesus, que podemos inferir da utilização da palavra “Σταύρωσον”.

No ponto três, apresento a tradução do texto grego para português, tendo em conta a análise realizada no ponto anterior. Esta apresentação (do texto em português) ajuda claramente a compreender melhor a utilização de alguns casos no texto, bem como as formas de elaboração do texto.

No segundo capítulo da dissertação passámos da análise gramatical à abordagem explícita da temática da Cristologia, relativamente aos títulos cristológicos, num âmbito geral, e aos títulos cristológicos numa área mais específica, a saber: os três títulos que surgem na paixão de São Marcos.

Nos três primeiros pontos do capítulo são abordados de forma específica os três títulos presentes na paixão do evangelho de São Marcos, a saber: Jesus “O Messias”; Jesus “Rei dos Judeus / Servo de Javé” e, finalmente, Jesus “Filho de Deus”.

O primeiro título trabalhado foi Jesus “O Messias”, que surge na paixão de São Marcos pela boca dos sumos sacerdotes. Como sabemos, este é o título que Marcos apresenta para definir o objecto de todo o seu evangelho. Relacionada com este título é digna de nota, por exemplo, a utilização do título Messias ao longo de todo o evangelho de Marcos e de forma particular na confissão de São Pedro, onde fui buscar o mote para o presente trabalho. Podemos claramente afirmar que Jesus não se apresentou como Messias, já que foi pela Ressurreição que Jesus foi elevado a essa dignidade. Outra referência é que o título Messias era sinónimo de Cristo e que este título se tornou nome próprio. Por isso agora referir-mo-nos a Jesus dizendo Jesus Cristo. Embora Jesus tivesse consciência do seu messianismo, teria receio de utilizar esta referência, devido à forma como o povo via o Messias e à forma como o Messias era esperado, tendo já uma

figura pré-configurada. Recorde-se que o título “Messias” era utilizado já no Antigo Testamento para os sacerdotes, os reis e os profetas. Outra referência que pode ser feita neste âmbito é a questão do ungido, de Jesus como ser eleito.

O segundo título trabalhado neste segundo capítulo da dissertação é o de Jesus “Rei dos Judeus/ Servo de Javé”, um título bem patente na paixão de Jesus, nomeadamente quando Pilatos lhe pergunta se Ele é o Rei dos Judeus e escreve no letreiro que foi colocado por cima da cabeça de Jesus “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”.

Neste título podemos salientar a questão da realeza de Jesus, a questão de Jesus ter sido julgado como rei dos Judeus, o que para os sumos sacerdotes não era o mais indicado. Podemos ainda afirmar que Jesus se declara rei dos Judeus, tendo em conta que à pergunta de Pilatos Jesus responde: “Tu o dizes”. Além disso, é por meio deste título que Jesus é zombado diante dos soldados e ao longo de todo o seu julgamento, ou seja, ao longo de toda a Sua paixão. A este título acresce “Servo de Javé”, tendo em conta a referência a Isaías e com ele ao “Servo Sofredor”. Aquilo que nos apresenta Isaías no capítulo 52 é Jesus que caminha para uma morte infame, a dos criminosos e indignos. Note-se que Jesus no seu julgamento foi tratado como um criminoso. Com esta afirmação, Jesus como Rei dos Judeus, Pilatos refere-se a Jesus como alguém com uma pretensão política e não como a esperança e salvação para o Povo Judeu.

O último título trabalhado nesta dissertação é Jesus “Filho de Deus”, o título que se refere a uma afirmação feita por um soldado romano na paixão de Jesus. O mesmo é dizer que se trata de uma afirmação de fé feita por um pagão, um não crente na pessoa de Jesus que, com o dito, professa a sua fé na filiação de Jesus com Deus, especialmente quando diz: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!”.

Deste título Jesus “Filho de Deus” podemos tirar várias conclusões. A primeira é que surge 7 vezes no evangelho de São Marcos e que Marcos inicia o seu evangelho dizendo que o

evangelho é Jesus de Nazaré, o Messias enquanto “Filho de Deus”. Mas também no final Marcos coloca nos lábios do centurião uma declaração explícita da filiação de Jesus.

Outra questão importante é que Jesus, ao longo de toda a sua vida pública, só se refere a Deus como nosso Pai no ensinamento da oração do Pai Nosso. Por conseguinte, podemos concluir que Jesus tem clara consciência da sua filiação com Deus. Nesta questão da filiação de Jesus podemos lembrar a controvérsia sucedida no episódio da perda e encontro do menino Jesus no Templo, onde Jesus responde a Maria sua mãe “Não sabíeis que devia estar na casa de meu Pai?”.

Tal como refere Martín Descalzo, Jesus tem uma forma constante de definir a sua filiação: “Deus é seu Pai; Ele é seu Filho”.

Nesta questão devemos ter em atenção a referência a dois excertos da vida de Jesus, o primeiro é o seu Baptismo, onde ouvimos a voz do Pai dizer: “Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus todo o meu agrado” (Mc 1, 11); o segundo é a Transfiguração ocorrida no monte Tabor, onde os três discípulos escutam: “Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o” (Mc 9, 7) Todavia, estes acontecimentos só são compreendidos depois da experiência pós-pascal. Podemos assim dizer que foi necessário Jesus morrer no madeiro da Cruz e ressuscitar, para que os seus amigos compreendessem a sua pessoa, ou seja, a sua filiação.

Outra conclusão a que chegamos no estudo deste título cristológico tem a ver com o debate que ao longo de séculos existiu em redor deste título e que só com o concílio de Calcedónia se conseguiu afirmar e claramente resolver pela afirmação da divindade de Jesus, da sua filiação a Deus, e as suas duas dimensões, a saber: a sua dimensão humana e a sua dimensão divina.

A conclusão maior a que podemos chegar com a presente dissertação é que a Cruz é a grande revelação de Jesus. Assim sendo, pelo processo de condenação de Jesus ficamos a

conhecer melhor a pessoa de Jesus. Ao mesmo tempo, é através de não crentes que nos é apresentada a profissão de fé que devemos ter na pessoa de Jesus como Filho de Deus, Messias e Rei dos Judeus.

Bibliografia

AA.VV., *Dicionário do Português Atual “Houaiss”*, Círculo de Leitores: Sociedade Houaiss – Edições Culturais, 2011.

AA.VV., *Novo Testamento Interlinear: Grego-Português*, Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 2004.

AA.VV., *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, Editorial Verbo Divino, Estella-Navarra, 2004.

AA.VV., *The Greek New Testament*, Former Editions, Germany, 1996.

AGUIRRE MONASTERIO, Rafael; RODRÍGUEZ CARMONA, António, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, Editorial Verbo Divino, Estella-Navarra, 1992.

BROWN, Raymond E., *Introducción a la Cristología del Nuevo Testamento*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2001.

CULLMANN, Oscar, *Cristologia do Novo Testamento*, Editora Custom, São Paulo, 2002.

DUQUOC, Christian, *Cristologia: ensayo dogmatico sobre Jesus de Nazaret el Mesias*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1992.

GNILKA, Joachim, *Jesus de Nazaré, Mensagem e história*, Editorial Presença, Lisboa, 1999.

GONZÁLEZ de CARDEAL, Olegario, *Cristología*, BAC, Madrid, 2001.

GRILLMEIER, Alois, *Cristo en la Tradición Cristiana: Desde el tiempo apostólico hasta el concilio de Calcedonia (451)*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1997.

HENGEL, M., *El Hijo de Dios. El origen de la cristología y la historia de la religión judeohelenista*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1997.

KASPER, Walter, *Jesús, El Cristo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1978.

LENTZEN-DEIS, Fritzeo, *Evangelho de Marcos: modelo da Nova Evangelização*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1997.

MARCHESI, Giovanni, *Jesús de Nazaret, quién eres?: Esbozos Cristológicos*, San Pablo, Madrid, 2007.

MARTÍN DESCALZO, José Luís, *Vida e Mistério de Jesus de Nazaré: O começo*, Editorial Missões, Cucujães, 1994.

MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo, *Crer em Jesus Cristo viver como cristão: Cristologia e seguimento*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2007.

MÜLLER, Gerhard “*Títulos Cristológicos*”, in AA.VV., *Diccionario de Teologia Dogmática*, Herder Editorial, Barcelona, 1990.

NEVES, Joaquim Carreira das, *Evangelhos Sinópticos*, Coleção Estudos Teologicos, U.C.P. Editora, Lisboa, 2002.

O’COLLINS, Gerald, *Cristologia: uno studio bíblico, storico e sistemático su Gesù Cristo*, Queriniana, 2007.

RODRÍGUEZ CARMONA, António, *Evangelio de Marcos*, Editorial Desclée de Bronwer, Bilbao, 2006.

SCHNACKENBRUNG, Rudolf, *La persona de Jesucristo: reflejada en los cuatro Evangelios*, Herder Editorial, Barcelona, 1998.

SESBOÜÉ, Bernard, *Cristo, Señor e Hijo de Dios*, Editorial Sal Terrae, Maliaño, 2014.

SOBRINO, Jon, *La fe en Jesucristo, Ensayo desde las víctimas*, Editorial Trotta, Madrid, 1999.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette, *O Jesus Histórico*, Edições Loyola, São Paulo, 2002.

TILLESSE, G. Minette, *Le secret messianique dans l’Évangile de Marc*, Editions du Cerf, 1968.

Índice

Introdução.....	3
1. Textos bíblicos.....	5
1.1 Tabela Sinótica	5
1.1.1 Jesus levado a Pilatos	5
1.1.2 Diálogo entre Pilatos e Jesus	6
1.1.3 Jesus e Barrabás.....	8
1.1.4 Coroação de Espinhos	10
1.1.5 A caminho do Calvário.....	11
1.1.6 Jesus crucificado e escarnecido	13
1.1.7 Morte de Jesus	15
1.2 Exegése (Análise) de Marcos 15	18
1.3 Tradução do Texto.....	22
2. Títulos Cristológicos	25
2.1 Jesus “O Messias”	29
2.2 Jesus “Rei dos Judeus /Servo de Javé”	37
2.3 Jesus “Filho de Deus”	40
Conclusão	49
Bibliografia.....	54
Índice	56